



## INVESTIMENTO? OS AGRICULTORES QUERIAM MAIS...

### DESTAQUE

“Novos Apoios às Pastagens e aos Pastores no Ano Internacional”

### EM FOCO

CONFAGRI Promove Renovação Geracional no Âmbito do Projeto Agrosocial

### DESTAQUE

CONFAGRI Debate Nova PAC na Feira AGRO e Alerta para Riscos no Sector Agroalimentar

### ATUALIDADE

Mulheres que Cultivam o Futuro – O Papel das Mulheres na Agricultura Portuguesa

CONSULTE ESTA EDIÇÃO  
DA REVISTA





**IFAP**

Instituto de Financiamento  
da Agricultura e Pescas, I.P.

# PEDIDO ÚNICO '26

## JÁ APRESENTOU A SUA CANDIDATURA?

- Antes de se candidatar, atualize e confirme todos os seus dados de Beneficiário (IB), das Parcelas (SIP) e dos Animais (SNIRA) da sua exploração
- Candidate-se na Área Reservada do Portal do IFAP ou nas Entidades reconhecidas, numa das Salas de Atendimento existentes para o efeito
- Candidaturas até 15 de maio. Não se atrase! Evite penalizações!

**Cultivamos o desenvolvimento,  
apoiamos o futuro!**



UNIÃO EUROPEIA  
Fundos Europeus Agrícolas

[www.ifap.pt](http://www.ifap.pt)

Estamos no Facebook, X,  
LinkedIn e Instagram  
+ info:  
[ifap@ifap.pt](mailto:ifap@ifap.pt)  
212 427 708  
Rua Fernando Curado  
Ribeiro n° 4G, Lisboa

## O PRIMEIRO PASSO DE UM CAMINHO MAIOR.



**Maria de Fátima Cabaço**  
Presidente da Mesa da Assembleia Geral da CONFAGRI

Foi com grande honra e profundo sentido de responsabilidade que tomei posse como Presidente da Mesa da Assembleia Geral da CONFAGRI, consciente do significado institucional de ser a primeira mulher a integrar os seus Órgãos Sociais. Não encaro esse facto como motivo de distinção pessoal, mas como expressão de uma evolução serena e enriquecedora da vida cooperativa, fiel à identidade de uma instituição que soube conciliar continuidade e renovação.

Falar da CONFAGRI é falar de uma presença estruturante no país real, nas comunidades e nos territórios. As Cooperativas Agrícolas e as Caixas de Crédito Agrícola têm desempenhado um papel decisivo na coesão territorial, no apoio às populações, na vitalidade das economias locais, na proximidade institucional e na permanência de respostas onde tantas outras estruturas desapareceram.

Neste percurso, as Caixas de Crédito Agrícola afirmaram-se como parceiras de confiança da agricultura, das explo-

rações, das famílias e do mundo rural. Ao longo da sua história, acompanharam ciclos produtivos, apoiaram investimento, enfrentaram incertezas e contribuíram para que muitos projetos pudessem nascer, consolidar-se e modernizar-se. Financiar a agricultura é apoiar a produção, a segurança alimentar, a valorização dos recursos endógenos, a gestão ativa do território e a preservação de um modo de vida essencial ao equilíbrio nacional. Importa, por isso, reconhecer o lugar dos agricultores na sociedade portuguesa. Quem trabalha a terra conhece o valor do equilíbrio entre produção e preservação. Os agricultores vivem da terra e com a terra; sabem que a sua continuidade exige cuidado, conhecimento e respeito. São, por isso, os primeiros defensores da paisagem, da água, da fertilidade dos solos e dos ecossistemas que sustentam a atividade agrícola e a vida coletiva.

É também neste horizonte de responsabilidade e futuro que importa sublinhar a crescente presença das mulheres na agricultura, nas cooperativas, no associa-

tivismo e na própria CONFAGRI. Quando mais mulheres participam, decidem e lideram, as instituições ganham em pluralidade de perspectivas, em equilíbrio, em qualidade de decisão e em capacidade de construção.

A CONFAGRI, pela representatividade que possui e pela missão que assume, tem uma responsabilidade particular neste percurso: continuar a ser voz firme da agricultura e do cooperativismo e um espaço de abertura, renovação e confiança. O momento que vivemos exige instituições sólidas, credíveis e próximas, capazes de honrar a sua história sem receio de preparar o futuro. É com esse espírito que encaro as funções que agora assumo: com respeito pelo legado recebido, com consciência do dever presente e com inteira confiança na capacidade do sector cooperativo e do Crédito Agrícola para continuarem a servir Portugal, os seus territórios e as suas pessoas com distinção, sentido de missão e fidelidade aos valores que lhes dão razão de ser. ●

# ÍNDICE

## ESPAÇO RURAL N.º 171

Revista da Confederação Nacional das Cooperativas Agrícolas e do Crédito Agrícola de Portugal, CCRL

## 2026

### FICHA TÉCNICA

### MARÇO/ABRIL

#### 03 EDITORIAL MARIA DE FÁTIMA CABAÇO

PRESIDENTE DA MESA  
DA ASSEMBLEIA  
GERAL DA CONFAGRI



#### 05 ATUALIDADE UMA RESPOSTA FRACA AO AUMENTO DO PREÇO DO GASÓLEO «VERDE»

#### 08 DIVULGAÇÃO LACTICOOP REÚNE SECTOR LEITEIRO NO 2.º ENCONTRO DE TÉCNICOS

#### 10 DIVULGAÇÃO A PREVENÇÃO CÔMEÇA AGORA - PROTEJA O CAMPO E O QUE É SEU

#### 11 PROJETOS CONFAGRI CONFAGRI PROMOVE RENOVAÇÃO GERACIONAL

#### 14 ENTREVISTA ADEGA COOPERATIVA DE VIDIGUEIRA, CUBA E ALVITO

#### 18 TEMA DE CAPA INVESTIMENTO? OS AGRICULTORES QUERIAM MAIS...

#### 22 DESTAQUE CONFAGRI DEBATE NOVA PAC NA FEIRA AGRO E ALERTA PARA RISCOS NO SECTOR AGROALIMENTAR

#### 22 TEMA DE CAPA ENCONTRO NACIONAL DE TÉCNICOS 2026: CONFAGRI REAFIRMA CENTRALIDADE ESTRATÉGICA DO SECTOR AGROALIMENTAR NUM TEMPO DE DECISÕES EUROPEIAS

#### 25 MULHERES QUE CULTIVAM O FUTURO O PAPEL DAS MULHERES NA AGRICULTURA PORTUGUESA

#### 28 DESTAQUE NOVOS APOIOS ÀS PASTAGENS E AOS PASTORES NO ANO INTERNACIONAL

#### 32 ENTREVISTA CCAM DO VALE DO TÁVORA E DOURO 100 ANOS A FINANCIAR A AGRICULTURA E O DESENVOLVIMENTO DO TERRITÓRIO

#### 36 DIVULGAÇÃO RESULTADOS DO PROJETO BESTCOOPMED PARTE I

ESTUDOS DE CASO PARA IDENTIFICAÇÃO DE  
BOAS PRÁTICAS NAS COOPERATIVAS AGRÍCOLAS  
MEDITERRÂNICAS

#### 40 EM FOCO COOPERATIVA AGRÍCOLA DE MACEDO DE CAVALEIROS CELEBRA 65º ANIVERSÁRIO

#### 41 PROJETOS CONFAGRI UM OLHAR ATENTO DA CONFAGRI SOBRE A RENOVAÇÃO GERACIONAL DO SECTOR COOPERATIVO AGRÍCOLA PORTUGUÊS

#### 42 DIVULGAÇÃO 42ª OVIBEJA PROJETA O MELHOR QUE SE FAZ NA ATIVIDADE AGROPECUÁRIA DO INTERIOR DO PAÍS

#### 43 PROJETOS CONFAGRI TECNOLOGIAS INOVADORAS E DIGITAIS NAS CULTURAS PERMANENTES

EVENTO “DIGITALIZAÇÃO DA VINHA  
À ADEGA”, REALIZADO NO PORTO

#### 44 DIVULGAÇÃO VALORFITO RECÓLHE 737 TONELADAS DE RESÍDUOS E RETIRA 636 TONELADAS DE CO2 NO PRIMEIRO ANO DA NOVA LICENÇA

#### 45 PROJETOS CONFAGRI MAIS UMA IMPORTANTE CONQUISTA PARA O PROJETO DIGIFARM2ALL

#### 46 DIVULGAÇÃO REVELADOS OS VENCEDORES DA 12.ª EDIÇÃO DO PRÉMIO EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO CRÉDITO AGRÍCOLA



### Como funciona o código QR?

1

Descarregue uma aplicação gratuita do leitor  
de QR code a partir do seu dispositivo móvel.

2

Faça scan do código QR, centrando-o  
no ecrã do dispositivo móvel.

3

Veja a versão parcial da Revista Espaço Rural  
ou dos artigos selecionados.

#### PROPRIEDADE, EDITOR E REDAÇÃO



**CONFAGRI**

**CONTACTOS**

Palácio Benagazil  
Rua Projectada à Rua C  
Aeroporto de Lisboa (Humberto Delgado)  
1700-008 LISBOA  
Telefone: 218 118 000  
Fax: 218 118 008  
E-mail: [espaco.rural@confagri.pt](mailto:espaco.rural@confagri.pt)  
Site: [www.confagri.pt](http://www.confagri.pt)  
NIPC: 501 652 299

**DIRETOR**

Eng.º Nuno Serra

**DIRETOR EXECUTIVA**

Eng.ª Aldina Fernandes

**PRODUÇÃO E COORDENAÇÃO**

Dr. Paulo Marques

Consulte o estatuto editorial em <https://www.confagri.pt/content/uploads/2024/12/Estatuto-Editorial.pdf>

#### DESIGN E PRODUÇÃO GRÁFICA

**CEMPALAVRAS**

COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL<sup>®</sup>

**CONTACTO**

Avenida Almirante Reis, 114 - 2.º C  
1150-023 LISBOA  
Telefone: 218 141 574  
[www.cempalavras.pt](http://www.cempalavras.pt)

#### PUBLICIDADE

Telefone: 218 141 574  
E-mail: [luis.morais@cempalavras.pt](mailto:luis.morais@cempalavras.pt)  
Telefone: 218 118 000  
E-mail: [espaco.rural@confagri.pt](mailto:espaco.rural@confagri.pt)

**FOTOGRAFIA**

CONFAGRI e iStock

**TIRAGEM**

7500 exemplares

**PERIODICIDADE**

Bimestral

**IMPRESSÃO**

Jorge Fernandes, Lda.

Rua Quinta do Conde de Mascarenhas, 9  
2820-652 Charneca da Caparica

**DEPÓSITO LEGAL**

242723/06

**REGISTO**

ERS 115370

Distribuição Gratuita

TODAS AS OPINIÕES EXPRESSAS NESTA EDIÇÃO SÃO DA  
RESPONSABILIDADE DOS RESPECTIVOS SUBSCRITORES

## UMA RESPOSTA FRACA AO AUMENTO DO PREÇO DO GASÓLEO «VERDE»

Na sequência da operação militar desencadeada no passado dia 28 de fevereiro pelos Estados Unidos da América, em conjunto com o Estado de Israel, contra o regime do Irão, instalou-se um conflito que rapidamente se alastrou a diversos Estados árabes do Médio Oriente com ligações aos dois Estados intervenientes.



TEXTO

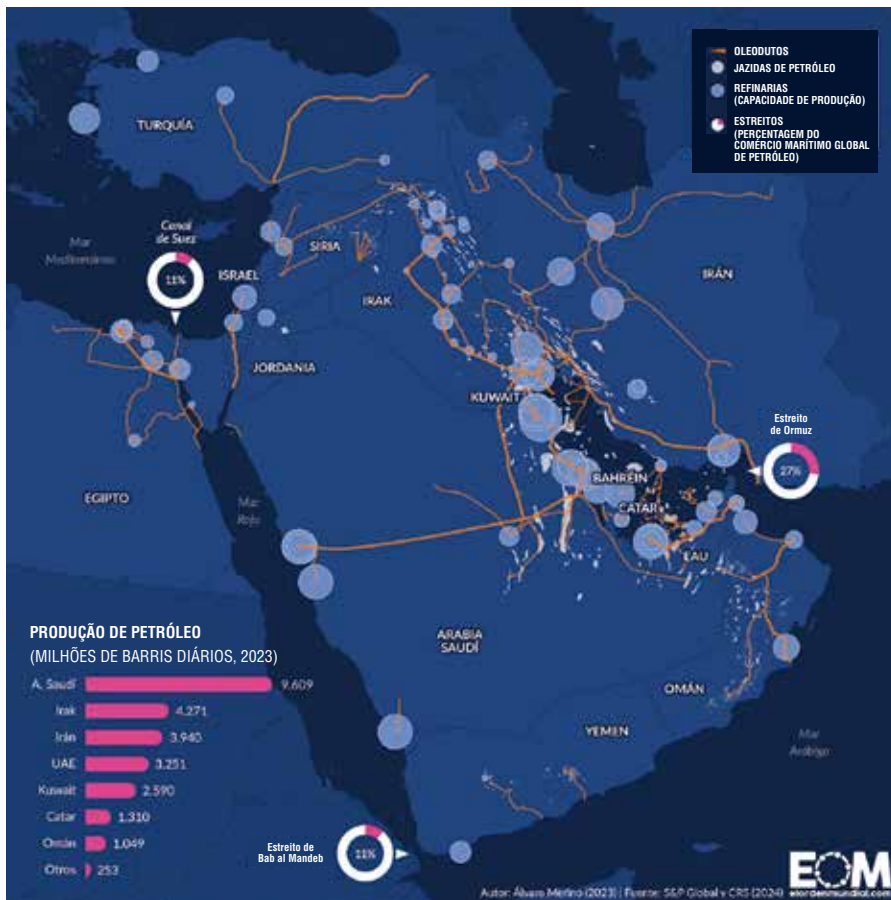
AUGUSTO FERREIRA

**i** CONFAGRI

**O**s ataques e a resposta subsequente originaram um amplo foco de instabilidade numa região onde se localizam muitos dos principais produtores mundiais de gás e petróleo, provocando de forma quase imediata o bloqueio da passagem de petroleiros no Estreito de Ormuz, rota por onde circulam cerca de 27% do petróleo e

gás mundiais (Figura 1), e alterando de forma abrupta a evolução do preço do barril de petróleo (Tabela 1). Com a maioria dos processos produtivos dependentes do petróleo e dos seus derivados, o aumento do preço do barril provocou uma subida imediata dos preços dos combustíveis, repercutindo-se nos sectores mais expostos—transportes,

**FIGURA 1** O petróleo no Médio Oriente. Infraestruturas, produção e circuitos.



**TABELA 1** Evolução do preço do petróleo Brent (€/barril) e taxa de variação homóloga (%)

PERÍODO DE REFERÊNCIA DOS DADOS	PREÇO DO PETRÓLEO BRENT (€/BARRIL); MENSAL	PREÇO DO PETRÓLEO BRENT (TAXA DE VARIAÇÃO HOMÓLOGA - %); MENSAL
	Portugal	Portugal
Março de 2026	88,26	31,1
Fevereiro de 2026	59,95	-17,2
Janeiro de 2026	56,74	-25,9
Dezembro de 2025	53,41	-24,2
Novembro de 2025	55,19	-21,1

Fonte: Adaptado de Preço do petróleo Brent (€/ barril) e (Taxa de variação homóloga - %) Mensal, - <http://www.ine.pt>

logística, agricultura, pescas e indústrias de utilização intensiva de energia, gerando naturais efeitos indiretos sobre os preços gerais dos bens de consumo, com especial incidência no cabaz alimentar. Perante a emergência causada pela escalada extraordinária dos preços dos combustíveis, o Governo procurou mitigar o impacto económico e social sobre famílias e empresas, criando um desconto temporário e excecional no Imposto sobre os Produtos Petrolíferos (ISP) aplicável à gasolina sem chumbo e ao gasóleo rodoviário, através da Portaria

n.º 112 A/2026/1, de 13 de março. Face ao contínuo aumento do preço dos combustíveis seguiram-se novas reduções através das Portarias n.º 123 A/2026/1, de 20 de março, e n.º 141 A/2026/1, de 2 de abril.

Contudo, e apesar de os custos energéticos representarem uma parcela significativa dos consumos intermédios do sector agrícola (Tabela 2), estas reduções do ISP não produziram qualquer efeito no gasóleo agrícola, dado que a taxa de ISP aplicável ao gasóleo colorido e marcado ("verde") já se encontra no nível mínimo

permitido pela Diretiva 2003/96/CE, de 27 de outubro de 2003.

Face ao agravamento da situação no sector agrícola — amplamente denunciado em diversos comunicados da CONFAGRI — o Governo aprovou o Decreto-Lei n.º 80 A/2026, de 31 de março, criando apoios excecionais e temporários destinados a compensar a escalada do preço dos combustíveis, abrangendo também os sectores agrícola e florestal. Foi definido um apoio de 10 cêntimos por litro, aplicável nas semanas em que o preço médio do gasóleo colorido e marcado, divulgado pela DGEG, apresente um aumento superior a 10 cêntimos por litro relativamente ao preço médio registado na semana de 2 a 6 de março, considerando os consumos efetuados entre 1 de abril e 30 de junho de 2026.

Este apoio, contudo, não compensa o aumento de 46% do preço do gasóleo colorido registado entre 2 e 30 de março, valor significativamente superior ao aumento de 31% verificado no gasóleo rodoviário durante o mesmo período (Tabela 3).

Apesar dos apoios previstos no Decreto-Lei n.º 80 A/2026, estes revelam-se claramente insuficientes para compensar os aumentos acumulados desde o início de março, período durante o qual o preço do gasóleo agrícola já subiu mais de 55 cêntimos por litro. Este agravamento coloca os produtores nacionais em posição de desvantagem face aos seus congéneres espanhóis, dado que o Governo de Espanha aprovou não apenas um desconto de 20 cêntimos por litro, mas também um pacote de apoio de cerca de 877 milhões de euros para o sector agrícola.

Assim, o apoio tardio do Governo português – limitado a 10 cêntimos por litro – revela-se insuficiente para aliviar a crescente pressão económica sobre o sector agroalimentar, e desconsidera o facto de que os custos com energia e fertilizantes representam, em média, um terço das despesas totais do sector. O sector agrícola não pode parar, por isso, exige e merece mais! ●

**TABELA 2** Importância dos combustíveis e dos fertilizantes na produção agrícola

	TODAS	ARVENSES	ARROZ	HORTICULTURA E OUTRAS CULTURAS EXTENSIVAS	HORTICULTURA INTENSIVA	VINHOS DE QUALIDADE	OUTROS VINHOS	FRUTOS FRESCOS (INC. CITRINOS)	FRUTOS SECOS	OLIVAL	BOVINOS DE LEITE	BOVINOS DE CARNE	SUÍNOS	AVES	POLICULTURA	POLIPECUÁRIA	MISTAS CULTURAS E PECUÁRIA
CONSUMO INTERMÉDIO (€)*	15 866,00€	16 871,00€	62 735,00€	25 025,00€	19 571,00€	10 438,00€	10 117,00€	12 501,00€	5 829,00€	13 479,00€	124 053,00€	14 616,00€	7 348,00€	27 411,00€	7 552,00€	11 316,00€	10 547,00€
Carburantes e Lubrificantes + Eletricidade, Combustíveis e Água	(€) 2 762,00€	3 335,00€	8 133,00€	3 716,00€	3 512,00€	1 461,00€	2 103,00€	2 698,00€	1 315,00€	4 131,00€	12 064,00€	2 700,00€	694,00€	7 444,00€	1 768,00€	1 986,00€	2 664,00€
	(%) 17%	20%	13%	15%	18%	14%	21%	22%	23%	31%	10%	18%	9%	27%	23%	18%	25%
Fertilizantes e Corretivos (€)	(€) 1 635,00€	3 391,00€	12 421,00€	3 974,00€	2 736,00€	813,00€	1 276,00€	2 224,00€	804,00€	700,00€	8 029,00€	1 187,00€	116,00€	161,00€	1 090,00€	338,00€	776,00€
	(%) 10%	20%	20%	16%	14%	8%	13%	18%	14%	5%	6%	8%	2%	1%	14%	3%	7%
TOTAL (Energia + Fertilizantes) (%)	28%	40%	33%	31%	32%	22%	33%	39%	36%	36%	16%	27%	11%	28%	38%	21%	33%

Fonte: GPP/RICA

\* (Trabalhos por Empreitada e Aluguer de Máquinas; Conservação e Reparação de Equipamentos; Carburantes e Lubrificantes; Alimentos Concentrados Comprados; Forragens Compradas; Outros Encargos Específicos da Pecuária; Sementes e Plantas; Fertilizantes e Corretivos; Fitofármacos; Outros Encargos Específicos das Culturas; Conservação de Construções e Melhoramentos Fundiários; Eletricidade, Combustíveis e Água; Outros Gastos Gerais; Seguros)

**TABELA 3** Aumento percentual face a 02/03/2026

AUMENTO FACE 02/03/2026 (%)	09/03/2026	16/03/2026	23/03/2026	30/03/2026	06/04/2026
Gasóleo simples	11%	17%	26%	27%	31%
Gasóleo colorido	16%	26%	38%	41%	46%

Fonte: Adaptado de Direção Geral de Energia e Geologia (DGEG), 06/04/2026

# UVBOOSTING

Representação exclusiva para Portugal

## Tratamentos para culturas de alto valor

- Melhora a nutrição da planta
- Previne a propagação de doenças fúngicas
- Protege contra danos por geadas
- Aumenta a resistência à seca
- Melhora o crescimento e rendimento das plantas
- Tem efeito positivo na qualidade da produção



## Estimulação com raios UV-C para reforçar as defesas naturais da planta

- Emissões curtas de brilhos UV-C produzidos com a nossa técnica patentada



- Ativação metabólica da planta - concentração máxima de ácido salicílico



- A planta reage a ataques físicos ou biológicos de forma mais rápida e eficiente



# LACTICOOP REÚNE SECTOR LEITEIRO NO 2.º ENCONTRO DE TÉCNICOS

TEXTO

PAULO MARQUES

**i** CONFAGRI



1. ASSISTÊNCIA DO ENCONTRO COM A PRESENÇA DO SECRETÁRIO-GERAL DA CONFAGRI, NUNO SERRA

A LACTICOOP promoveu, no passado dia 11 de abril, o seu Segundo Encontro de Técnicos, reunindo cerca de 250 participantes entre produtores, técnicos, associados, dirigentes cooperativos e representantes institucionais, nas suas instalações na Zona Industrial da Tocha, em Cantanhede.

A iniciativa contou com a presença do Secretário de Estado das Florestas, Rui Ladeira, do Secretário-Geral da CONFAGRI, Nuno Serra, da Presidente da Câmara Municipal de Cantanhede, Helena Teodósio, e da Ministra do Ambiente e da Energia, Maria da Graça Carvalho, entre muitos outros representantes oficiais e entidades. Dando continuidade à primeira edição, o encontro afirmou-se como um espaço privilegiado de partilha de conhecimento e de reflexão sobre os desafios e oportunidades do sector leiteiro, num contexto marcado por crescentes exigências ao nível da sustentabilidade, da sanidade animal e da inovação tecnológica.

## Abertura centrada na partilha e na sustentabilidade

Na sessão de abertura, o Presidente da LACTICOOP, José Marques, destacou o encontro como um momento de partilha entre os diferentes agentes da fileira leiteira, sublinhando a importância da componente técnica na sustentabilidade das explorações.

“O que pretendemos é criar um espaço de partilha entre todos os intervenientes do sector, que trabalham diariamente para garantir a sustentabilidade da produção de leite em Portugal”, afirmou, acrescentando que os temas em debate têm “um impacto direto na gestão técnica e económica das explorações”.

Também o Secretário de Estado das Florestas, Rui Ladeira, sublinhou a relevância estratégica do sector agropecuário, destacando o seu contributo para a economia nacional e para a coesão dos territórios rurais.

Na sua intervenção, destacou a importância de valorizar a produção nacional e de reforçar a capacidade de criação de valor no território, num contexto marcado por desafios como as alterações climáticas. Referiu ainda a necessidade de garantir uma gestão rigorosa e responsável dos recursos públicos, assegurando que os apoios chegam de forma eficaz ao sector.

## Conhecimento técnico ao serviço da produção

O programa integrou diversas intervenções técnicas centradas em temas essenciais para a atividade leiteira. A sessão dedicada ao tema “Leite e Saúde – Segurança Alimentar” trouxe uma abordagem científica sobre o papel do leite na nutrição humana e a importância da qualidade ao longo da cadeia de produção.

Seguiu-se a análise do impacto das micotoxinas na produção leiteira, evidenciando os efeitos destes contaminantes na saúde animal e na produtividade das explorações, bem como a necessidade de prevenção e controlo rigoroso.

A sanidade animal voltou a estar em destaque com a abordagem à dermatose nodular contagiosa, sublinhando o papel do médico veterinário na prevenção e controlo de doenças que representam riscos significativos para o sector.

Por fim, foi abordada a importância da tecnologia nas explorações leiteiras, destacando-se o seu contributo para a eficiência produtiva, o bem-estar animal e a sustentabilidade das unidades de produção. A manhã culminou com uma mesa-redonda subordinada ao tema “Ameaças e Oportunidades no Sector do Leite”, reunindo vários especialistas e agentes do sector num debate alargado.

Entre os principais temas abordados estiveram os desafios da competitividade, a pressão sobre os custos de produção, as



## 2. ASSISTÊNCIA DO ENCONTRO

exigências ambientais e a necessidade de inovação e adaptação a um contexto em constante mudança.

### Encerramento com apelo à valorização do sector

Na sessão de encerramento, o Presidente da LACTICOOP, José Marques, deixou uma intervenção marcada por um forte

apelo à valorização do sector e ao reconhecimento do papel dos produtores.

“Hoje estamos aqui porque acreditamos. Acreditamos que produzir leite em Portugal faz sentido e que há futuro nesta atividade”, afirmou, sublinhando que esse futuro “não cai do céu, constrói-se todos os dias com trabalho, conhecimento e resiliência”. O responsável destacou a evolução do



## 3. INTERVENÇÃO DO PRESIDENTE DA LACTICOOP, JOSÉ MARQUES

sector, salientando o investimento realizado pelos produtores ao nível da modernização, da sustentabilidade e da inovação. “As nossas explorações são hoje unidades altamente profissionalizadas, integradas num mercado global e exigente”, referiu.

# Cultivamos o Futuro do Agribusiness

Saiba mais em [consulai.com](https://consulai.com)

25<sup>th</sup>  
consulai



Investimento



Estratégia



Inovação



Comunicação



Sustentabilidade



Lisboa +351 213 629 553  
Beja | Fundão | São Miguel  
[comercial@consulai.com](mailto:comercial@consulai.com)



<p>Apesar destes avanços, alertou para os constrangimentos que continuam a afetar a atividade, nomeadamente ao nível da burocracia e do licenciamento. “É urgente criar condições para que quem quer investir e produzir possa fazê-lo com previsibilidade e em tempo útil”, defendeu. José Marques chamou ainda a atenção para os impactos recentes das condições climáticas adversas e para o aumento dos custos de produção, sublinhando a necessidade de medidas de apoio eficazes. “Sem produtores não há produção, e sem produção não há soberania alimentar”, afirmou. A intervenção terminou com uma mensagem de confiança no futuro, reforçando o compromisso da LACTICOOP com o desenvolvimento do sector e com o apoio aos seus associados.</p>	<p><b>Reconhecimento institucional e compromisso com a sustentabilidade</b> A Presidente da Câmara Municipal de Cantanhede, Helena Teodósio, destacou a importância da LACTICOOP para a economia local e o papel determinante dos produtores na valorização do território, sublinhando a necessidade de continuar a criar condições para a competitividade do sector. Por sua vez, a Ministra do Ambiente e da Energia, Maria da Graça Carvalho, reforçou a importância da articulação entre políticas ambientais e agrícolas, salientando o compromisso do Governo em conciliar sustentabilidade e desenvolvimento económico. Na sua intervenção, destacou ainda os desafios associados às metas climáticas</p>	<p>e a necessidade de apostar em soluções que promovam a inovação, a eficiência e a redução da burocracia.</p> <p><b>Um sector que se afirma pelo conhecimento e pela cooperação</b> Com a realização do Segundo Encontro de Técnicos, a LACTICOOP reafirma o seu compromisso com a valorização da produção leiteira nacional, promovendo o conhecimento, a partilha de experiências e o diálogo entre todos os agentes do sector. Num contexto exigente e em constante transformação, iniciativas desta natureza assumem-se como fundamentais para reforçar a competitividade, a sustentabilidade e o futuro da produção de leite em Portugal. ●</p>
--	--	---

## A PREVENÇÃO COMEÇA AGORA – PROTEJA O CAMPO E O QUE É SEU

**A**s tempestades que ocorreram no início do ano deixaram um rasto preocupante nas nossas paisagens: árvores caídas, ramos partidos e muita vegetação seca acumulada. Esta situação precisa de atenção urgente, porque, com o calor a aproximar-se, o risco de incêndios aumenta.

**Porque é importante limpar a vegetação?**

Ramos secos, arbustos densos e lenha acumulada são o combustível perfeito para os incêndios. Ao cuidar do que é seu, protege a sua casa e ajuda a evitar que o fogo se espalhe pelas redondezas.

**Proteja o seu terreno e a sua habitação!**

- Mantenha 50 metros à volta das casas limpos de vegetação seca e outros combustíveis naturais;
- As copas das árvores devem estar a

pelo menos 5 metros da sua casa para minimizar o risco direto de contacto com chamas;

- Armazene lenha ou qualquer outro material facilmente inflamável a uma distância segura e longe das paredes;
- Evite plantar arbustos inflamáveis, como caniço ou urze, perto de habitações ou edifícios agrícolas;
- Cuide regularmente dos jardins e terrenos, mantendo-os limpos e seguros.



**Cuidar é responsabilidade de todos**

A sua ação pode fazer a diferença. Se não for feita a limpeza necessária, as Câmaras Municipais poderão intervir e os custos imputados aos proprietários. Mais do que uma obrigação, prevenir é uma atitude que salva-vidas e patrimónios. Pequenos gestos de hoje podem evitar grandes tragédias amanhã. Vamos todos cuidar do que é nosso, a segurança começa em cada um de nós. ●



# CONFAGRI PROMOVE RENOVAÇÃO GERACIONAL

TEXTO

ANTÔNIO CLÁUDIO HEITOR

**i** CONFAGRI



1. PRODUTORES DA RAÇA GARVONESA (PAI E FILHO), ASSOCIADOS DA COOPERATIVA FARRUSCA

No último século acentuou-se a dinâmica de concentração populacional em grandes centros urbanos e uma das consequências dessa realidade é a maior fragilidade da estrutura agrícola e florestal, em especial nas zonas marginais com maiores estrangimentos produtivos. A face mais visível desta dinâmica é a diminuição da população ativa agrícola.

As cooperativas agrícolas não passam incólumes a esta dinâmica e a sua normal atividade é fortemente condicionada quer pela diminuição do número de agricultores, quer pela falta de mão-de-obra, quer mesmo pela menor dinâmica da economia e mercados locais e regionais.

No âmbito do projeto AgroSocial, que visa fortalecer o ecossistema da economia social agroalimentar das zonas transfronteiriças, a CONFAGRI está a desenvolver um conjunto de trabalhos que procuram identificar boas práticas e metodologias capazes de trazer para o sector cooperativo todos aqueles que dão os primeiros passos na atividade agrícola, pecuária ou florestal. Nesse sentido estão a ser desenvolvidos Planos de Promoção de Renovação Geracional que permitam avaliar quais aquelas que serão mais adaptadas às características de cada Cooperativa e da sua comunidade. Foram selecionadas duas Cooperativas jovens, a GUADIMONTE e a FARRUSCA, que a CONFAGRI tem acompanhado no processo de constituição e implementação. Ambas estão inseridas em territórios com falta de jovens com capacidade, e vontade, para desenvolver atividade agrícola. Nesta fase foram já identificadas boas práticas e casos de sucesso em Cooperativas agroalimentares da Andaluzia e da Extremadura, que possam ser adaptados às características e necessidades das duas Cooperativas.

A CONFAGRI constituiu recentemente o Grupo de Jovens Cooperativistas, como forma de desenvolver um grupo de trabalho e aconselhamento da estrutura de gestão da Confederação, ferramenta já implementada nas nossas congéneres de Espanha e que



2. RAÇA AUTÓCTONE ALGARVIA DE PRODUTORES DA COOPERATIVA GUADIMONTE

tem dado resultados positivos. Espera-se também que esta abordagem possa ser replicada nas cooperativas de base.

As Cooperativas agrícolas são, devido à sua natureza, ferramentas de promoção da coesão territorial e social dos territórios onde se encontram constituídas. São também modelos de organização da produção cujas características e valores, asseguram uma estabilidade importante àqueles que, pela sua menor dimensão ou experiência, precisam de uma rede de segurança capaz de acompanhar e potenciar o seu desenvolvimento. O sucesso das cooperativas passa necessariamente pela melhoria do desempenho das explorações agrícolas dos seus membros. É neste contexto que surgem os exemplos concretos de cooperativas que estão a contribuir ativamente para a renovação geracional e para a dinamização dos territórios rurais. A experiência da Guadimonte e da Farrusca ilustra como o modelo cooperativo pode responder aos desafios atuais do sector, promovendo a instalação de jovens agricultores e valorizando os recursos locais.

### GUADIMONTE - COOPERATIVA AGRÍCOLA SUPRAMUNICIPAL, CRL

Fundada em 2021, na freguesia de Odeleite, concelho de Castro Marim, a Guadimonte, surge da vontade de um grupo de jovens que, em resposta a um grande incêndio que devastou a região, decidiram unir esforços e investir no sítio onde nasceram. O grande objetivo é recuperar e comercializar os produtos tradicionais representativos da região,



3. VALTER MATIAS, PRESIDENTE DA GUADIMONTE

como o medronho, o mel, o azeite, os frutos secos e a pastorícia extensiva de raças autóctones.

A experiência da Cooperativa com os jovens agricultores tem sido o de ultrapassar a grande dificuldade inicial da falta de apoio técnico e burocrático. A formação e informação são essenciais para todos, em especial em matérias de novas tecnologias, no cumprimento das normas e requisitos legais e no acesso ao mercado. Esta capacitação e apoio técnico é crucial para assegurar um sistema de produção biológico.

**Valter Matias, Presidente da Cooperativa, está consciente que sensibilizar as novas gerações é um trabalho difícil, demorado e que precisa de um esforço contínuo e**

em parceria com as várias organizações da região. Reconhece também que a Cooperativa tem uma função de substituição aos organismos públicos que entretanto desapareceram, mas é preciso essa função seja devidamente reconhecida.

A gestão conjunta é essencial para ultrapassar o desafio da pequena escala e do investimento e a Cooperativa teve um papel importante na recuperação das parcelas abandonadas depois do incêndio. É, por isso, essencial encontrar formas de cativar as pessoas que se querem instalar e precisam de ajuda.

Desenvolver uma marca comum que assegure a qualidade e genuinidade dos produtos da região é outro objetivo estratégico. Por isso é necessário encontrar as características distintivas desse produto e trabalhar junto dos agricultores para que as práticas agrícolas assegurem essa qualidade. A construção e desenvolvimento de uma unidade industrial permitirá a comercialização debaixo de uma marca e imagem comum, bem como desenvolver novos produtos e construir um sistema de certificação que possibilite a criação de mais-valias para os produtores.

A marca e a certificação são ferramentas essenciais para o acesso a mercados internacionais. O intercâmbio e a proximidade com Espanha é uma oportunidade de aprendizagem com Cooperativas espanholas, pois o território é muito igual, e essa troca de experiências é muito importante, como acontece no caso do Projeto AgroSocial.

Por fim, destaca-se o papel da pastorícia extensiva na gestão do território. Não se trata apenas de melhorar as práticas agrícolas para recuperar o solo, mas ter uma gestão agrupada do território onde a agricultura e a pecuária contribuem para recuperar a paisagem como um todo e torná-la mais resistente às condições meteorológicas, cada vez mais desafiantes em termos produtivos.

### FARRUSCA - COOPERATIVA DE CRIADORES DE BOVINOS DA RAÇA GARVONESA

A Farrusca, criada em 2024, tem sede em São Martinho das Amoreiras, no concelho de Odemira, e surge com o objetivo de apoiar os criadores da raça bovina Garvonesa na produção e comercialização dos seus efetivos pecuários. São 23 cooperadores que pretendem aumentar o reconhecimento da raça Garvonesa.



4. ANTÓNIO AIRES, PRESIDENTE DA COOPERATIVA FARRUSCA

Os objetivos da Cooperativa passam assim por melhorar as condições de produção e transformação desta raça e assim permitir o acesso ao mercado, criando mais-valias para os produtores. António Aires, Presidente da FARRUSCA, identifica que a cooperativa pretende dar

resposta a uma necessidade dos criadores, que têm feito um grande esforço e muito amor à camisola para conseguirem manter a esta raça que é um património da região. A dificuldade no acesso ao solo, devido ao elevado custo da propriedade rústica, é um dos principais constrangimentos à instalação dos jovens criadores. É preciso, por isso, diminuir custos e ao mesmo tempo apoiar a instalação de jovens agricultores na elaboração da candidatura e no cumprimento das regras inerentes à atividade. A Cooperativa tem essa função importante. Por outro lado, há um papel de sensibilização dos filhos dos produtores que a Cooperativa tem de fazer, no sentido de lhes proporcionar condições para seguirem a atividade da família e para que não abandonem o território. A família Silva, o pai Rui e o filho João, são orgulhosos criadores de raça Garvonesa e é com alegria que se vê os filhos a continuar a vida dos pais, afirma Rui Silva. O pai, cooperador da Cooperativa, destaca a importância de envolver as novas gerações na gestão da exploração, como a decisão

de iniciar a criação de bovinos da raça Garvonesa, que começou como uma experiência, da qual não estão arrependidos. A comercialização e valorização da raça é fundamental para criar condições para o aumento do número de criadores. Só assim será possível captar a atenção dos produtores e dos consumidores. A parceria com a PECNORDESTE e com as Carnes da Montanha é um passo importante no acesso ao mercado, pois permite melhores condições de comercialização e maior valorização da produção. A Cooperativa pretende vir a certificar todos os processos associados à pecuária extensiva, onde prevalece o bem-estar animal, para dar uma garantia de qualidade ao consumidor. Contar uma história, manter as tradições, e destacar as questões ambientais são elementos essenciais para informar os consumidores. ●



Poderão consultar mais informação sobre o Projeto Agrosocial em <https://campus.agrosocial.eu/>



# QUANDO A FLORA FALA PARA A FAUNA

**IMMAX® contribui para a segurança digestiva e crescimento dos leitões desmamados.**

Com a combinação sinérgica dos extratos de plantas, incluindo o solúvel de *Scutellaria baicalensis* patenteado, IMMAX® proporciona um efeito triplo único: proteção celular, ações anti-secretoras e prebióticas.

IMMAX® melhora a integridade intestinal e o equilíbrio da microbiota.



TEXTO

PAULO MARQUES

**i** CONFAGRI

1. CASA DAS TALHAS DA ADEGA COOPERATIVA

## ADEGA COOPERATIVA DE VIDIGUEIRA, CUBA E ALVITO

**A** Adegas Cooperativas de Vidigueira, Cuba e Alvito é uma das principais referências do sector vitivinícola do Alentejo, assumindo-se, ao longo de mais de seis décadas, como um pilar fundamental no desenvolvimento económico e social da região. Fundada em 1960, a Cooperativa nasceu com o objetivo de valorizar a produção local, proteger a vinha e afirmar a identidade vitivinícola de uma sub-região com raízes históricas profundas.

Inserida num território marcado por séculos de tradição na produção de vinho, a região da Vidigueira, Cuba e Alvito destaca-se pelo seu património cultural e agrícola, onde a vinha continua a desempenhar um papel central na paisagem e na economia local. Este legado, que remonta à época romana e à tradição da vinificação em talha, mantém-se vivo até aos dias de hoje, contribuindo para a singularidade dos vinhos aqui produzidos.

Com cerca de 237 associados e uma área de vinha que ultrapassa os 1.200 hectares, a Adega apresenta uma produção anual na ordem dos 8 milhões de litros de vinho, afirmando-se como uma estrutura moderna, mas profundamente enraizada no território. A sua atividade assenta na valorização das castas autóctones, com especial destaque para a Antão Vaz, casta emblemática da sub-região e responsável por alguns dos mais reconhecidos vinhos brancos do Alentejo.

A par da sua dimensão produtiva, a Adega tem vindo a apostar na inovação, na melhoria contínua dos processos e na qualidade e segurança alimentar, procurando responder às exigências dos

### FICHA INFORMATIVA

#### [ NOME ]

Adega Cooperativa da Vidigueira, Cuba e Alvito

#### [ CONTACTOS ]

Morada: Bairro Industrial  
7960-305 Vidigueira  
Telefone: +351 284 437 240  
Email: geral@adegavidigueira.pt

mercados e dos consumidores, sem perder de vista a sustentabilidade e a identidade do território.

Nesta entrevista, o Presidente da Adega Cooperativa de Vidigueira, Cuba e Alvito aborda o percurso da instituição, o papel do sector vitivinícola no desenvolvimento da região e os principais desafios que se colocam ao futuro da atividade.



2. FRANCISCO MATA, PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

## Entrevista com o Presidente do Conselho de Administração

**A Adega Cooperativa de Vidigueira, Cuba e Alvito foi fundada em 1960 e conta hoje com mais de seis décadas de atividade ao serviço da vitivinicultura da região. Que papel tem desempenhado a Adega no desenvolvimento económico e social da Vidigueira, de Cuba e de Alvito ao longo deste percurso?**

Desde a sua fundação, a Adega Cooperativa de Vidigueira, Cuba e Alvito tem assumido um papel central na organização e valorização da produção vitícola da região. Ao agregar os viticultores, assegurar a vinificação e a comercialização dos vinhos, permite garantir rendimento aos associados de forma estruturada, competitiva e com visão de futuro.

A sua existência tem sido determinante para a continuidade desta atividade económica ao longo das décadas, assente no conhecimento, na resiliência e numa forte ligação à cultura e tradição locais. Numa região onde a vinha está plenamente adaptada às condições naturais e onde predomina o minifúndio, a Adega tem sido um pilar essencial na sustentabilidade do território.

**Enquanto estrutura cooperativa que reúne centenas de viticultores, de que forma a Adega contribui para valorizar o trabalho dos seus associados e para o desenvolvimento do sector?**

A valorização do trabalho dos associados bem como o desenvolvimento do sector, só é possível se ocorrer a justa remuneração das uvas que produzem, o que tem sido um exercício extremamente difícil sobretudo nos últimos anos em que sector do vinho em Portugal tem vindo a atravessar uma crise profunda a qual teima em persistir. Mas isto é uma atividade económica e como tal tem os seus ciclos, por essa razão sabemos que este também vai passar.

A Adega tem procurado adaptar a sua estratégia a esta realidade, intervindo em toda a cadeia de valor – desde o apoio à viticultura até à comercialização – com uma equipa organizada e focada em responder aos desafios atuais.

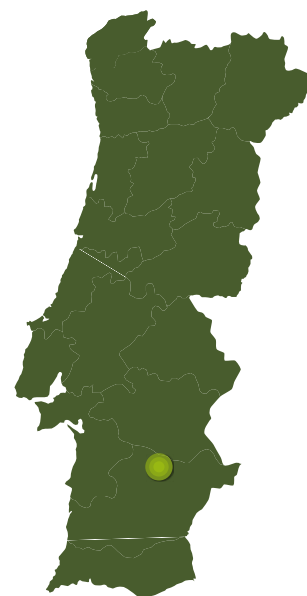
**Tomou posse como Presidente do Conselho de Administração em janeiro deste ano. Quais são as principais prioridades e objetivos definidos para este mandato, numa fase ainda inicial do vosso trabalho?**

Os principais objetivos para este mandato passam, em primeiro lugar, por garantir a sustentabilidade económica e financeira da Adega, num contexto em que o mercado nacional se encontra bastante saturado, o que obriga a uma aposta clara na diferenciação, na valorização dos nossos vinhos e no potencial do território.

Paralelamente, estamos a trabalhar na abertura a novos mercados, através da criação de uma unidade de internacionalização, bem como na diversificação da oferta, nomeadamente através do enoturismo, que tem vindo a assumir um papel cada vez mais relevante. Esta sustentabilidade é fundamental, desde logo porque está diretamente ligada à remuneração do esforço e do investimento dos nossos associados, que são agentes económicos essenciais no desenvolvimento da região. Nesse sentido, a Adega tem vindo a ajustar a sua estratégia comercial aos tempos atuais, procurando levar até ao consumidor não apenas o vinho, mas também a genuinidade, a cultura e a história de uma atividade que é milenar na região e que continua bem viva.

Por outro lado, é igualmente prioritário continuar a apoiar a viticultura e os viticultores, assegurando a qualidade da matéria-prima, com uma abordagem que não seja apenas económica, mas que integre também um compromisso claro com a sustentabilidade ambiental.

## PORTUGAL CONTINENTAL



SAIBA MAIS SOBRE A ADEGA COOPERATIVA DA VIDIGUEIRA, CUBA E ALVITO

**A sub-região da Vidigueira tem características muito próprias no contexto vitivinícola do Alentejo, sendo reconhecida pela produção de vinhos de grande qualidade e particularmente pela casta Antão Vaz. Gostaria de falar um pouco sobre a linha de produtos da Adega?**

A casta Antão Vaz faz parte integrante da totalidade dos vinhos brancos da Adega da Vidigueira. Além da abordagem ao modelo de consumo em *blend*, temos diversas opções sob marcas Vidigueira, Maria Gancha, Vidigueira Escolha dos Sócios, entre outras, na vertente monovarietal - exaltando a especificidade, e diferenciação, da casta na nossa particular sub-região Vidigueira. Com este modelo de distribuição tentamos honrar a História, valorizar algo que tanto nos orgulha e potenciar o consumo da nossa casta branca rainha.

Nos tintos, temos a gama assente em 4 segmentações bem definidas, primeiro os vinhos para consumo diário, mais próximos do perfil de consumo em massa, segundo os varietais e os Grande Escolha, onde potenciamos o *terroir* Vidigueira, com castas tão afamadas como o Alicante Bouschet ou o sempre na moda Syrah, terceiro os Reser-

vas para os consumidores que pretendem vinhos mais elaborados e gastronómicos com características distintivas e de guarda, terminando nos Grande Reserva com anos de excelência e vinhos de distinção.

Ainda, garantindo as nossas raízes a tradições, honramos a Talha e orgulhamo-nos do modelo secular de produção que mantemos representado e ativo nas produções da talha 1656 – Talvez a Talha mais antiga em produção no País.

**A Adega tem apostado na valorização de castas tradicionais e também na preservação de práticas ancestrais como o vinho de talha. Que papel desempenha esta ligação entre tradição e inovação na estratégia da Cooperativa?**

Essa ligação é absolutamente essencial

**Para além da produção de vinho, a Adega tem vindo a desenvolver iniciativas ligadas ao enoturismo e à promoção do território, nomeadamente através da Casa das Talhas. Que importância assume esta dimensão para a dinamização da atividade da Adega e da própria região?**

A Adega criou a sua unidade de Enoturismo através de um projeto que permitiu erguer a Casa das Talhas, hoje uma das salas de visita da Vidigueira. Trata-se de um pilar importante na atividade económica da casa, quer na venda quer na divulgação dos vinhos e do melhor que por cá se faz. Em complemento, temos também a exploração de uma das adegas mais antigas em Vila de Frades, onde também se faz o vinho de talha e que

No seu conjunto, o enoturismo permite-nos ir além do vinho, oferecendo uma experiência completa, onde se cruzam produto, cultura e território, contribuindo para a dinamização económica e para a afirmação da região.

**O sector vitivinícola enfrenta atualmente desafios importantes, como as alterações climáticas, os custos de produção ou a crescente competitividade nos mercados. Quais são hoje os principais desafios que se colocam aos viticultores da região?**

Numa época nada favorável para o sector do vinho, como já referi, o principal desafio é mesmo o de produzir mais e melhor, com menos. Não se trata de um exercício fácil mas sabemos também que não é impossível, basta crer. É preciso entender a produção de uma forma holística, em que todos os fatores e agentes do ecossistema contam e por isso fazem parte do processo. O respeito pelos recursos naturais é fundamental, em particular pela água, biodiversidade e solo.

**A Adega mantém uma relação próxima com outras organizações do sector agroalimentar da região. Que importância atribui a estas parcerias e que impacto têm na dinamização económica e social do território?**

As parcerias são fundamentais para o desenvolvimento integrado do território. A cooperação entre entidades permite criar sinergias e encontrar soluções que dificilmente seriam possíveis de forma



3. INTERIOR DA CASA DAS TALHAS

para a nossa identidade. Permite-nos mostrar que os vinhos que aqui produzimos são muito mais do que um produto – são a expressão de um território, de uma cultura e de um saber acumulado ao longo de gerações. A valorização das castas tradicionais e a preservação de práticas como o vinho de talha permitem-nos manter viva uma herança única, que nos distingue claramente no mercado. Ao mesmo tempo, a inovação dá-nos as ferramentas para evoluir, melhorar a qualidade e responder às exigências dos consumidores.

No fundo, é este equilíbrio entre tradição e inovação que nos permite afirmar a autenticidade dos nossos vinhos – vinhos com identidade, com carácter e profundamente ligados ao *terroir* único da Vidigueira, o saber fazer com alma e coração.

abre habitualmente pelo São Martinho. Os visitantes têm assim a oportunidade de reviver a história da vinha da Adega e disfrutar de bons momentos vínicos e gastronómicos.

A componente cultural é também muito relevante. O grupo coral de cante alentejano, formado por produtores da Adega, proporciona momentos únicos a quem nos visita, contribuindo para a valorização das tradições locais e para a divulgação da região. Ao longo do ano, realizamos os mais variados eventos - iniciativas gastronómicas, apresentações, casamentos, entre muitos outros. Um dos momentos de maior destaque é a “Noite Branca”, que em 2025 reuniu cerca de 1.200 participantes, afirmando-se como um evento de referência.



4. VIDIGUEIRA 65 ANOS COM SELO DE SUSTENTABILIDADE - VINHO BRANCO



5. VIDIGUEIRA ANTÃO VAZ DOC – VINHO BRANCO

positiva e importante para o reforço da representação do sector cooperativo vitivinícola. A integração em estruturas de âmbito nacional permite-nos acompanhar mais de perto os principais temas que afetam o sector, partilhar experiências e contribuir para a definição de estratégias que valorizem os produtores e os territórios, sendo essencial para dar voz às Cooperativas e reforçar a sua posição num contexto cada vez mais exigente.

**Para terminar, que mensagem gostaria de deixar aos viticultores associados da Adega e aos consumidores que continuam a escolher os vinhos da Vidigueira?**

A mensagem que lhes transmito, bem como aos colaboradores que trabalham no dia-a-dia desta casa, desde que iniciei funções, não é mais do que acreditar no potencial da região, nas pessoas, no seu trabalho, nas suas vinhas, nas uvas que produzem e na excelência do vinho que geram. Aos tempos difíceis que atravessamos temos que responder com adaptação, inovação, confiança e crer. É preciso acreditar no futuro pois de outra forma não vamos lá.

Aos consumidores deixo o convite para visitar a Adega, usufruir de bons momentos vînicos e participar nesta história já milenar, numa das regiões vitivinícolas mais antigas do nosso país. ●

O futuro do sector passa por valorizar a produção, apostar na diferenciação e reforçar a ligação ao território.

mesmas é absolutamente determinante, a nossa Adega aderiu em maio de 2025 à FENADEGAS, numa ótica de reforço sectorial.

**Como avalia a relação da Adega Cooperativa de Vidigueira, Cuba e Alvito com a CONFAGRI?**

A relação com a CONFAGRI, enquanto entidade associada da FENADEGAS, é

isolada. A título de exemplo gostaria de referir que a nossa Adega integra, desde há vários anos, o Conselho Geral da Comissão Vitivinícola Regional Alentejana, órgão da máxima importância na Organização do sector vitivinícola Regional.

**Dada a importância do sector agroalimentar para a economia e para a coesão territorial, considera que este deve ser assumido como um desígnio nacional? E que papel devem as Cooperativas desempenhar nessa estratégia?**

É absolutamente crucial que o Sector Agroalimentar tenha uma atenção diferente por parte das mais diversas entidades. As Cooperativas assumem um papel determinante, o qual é muitas vezes ignorado e, por vezes, remetido para segundo plano de forma absolutamente incompreensível. Por entendermos que o papel das Cooperativas e o trabalho em rede entre as



6. ATUAÇÃO DO GRUPO CORAL DE CANTE ALENTEJANO NUM EVENTO NA ADEGA



## INVESTIMENTO? OS AGRICULTORES QUERIAM MAIS...

A dicotomia entre apoios ao rendimento e apoios ao investimento regressa, ciclicamente, ao centro do debate agrícola. Tal acontece, quer pela lentidão na abertura de avisos, quer — e sobretudo — pelo reduzido número de candidaturas aprovadas face à elevada procura.

TEXTO

AUGUSTO FERREIRA

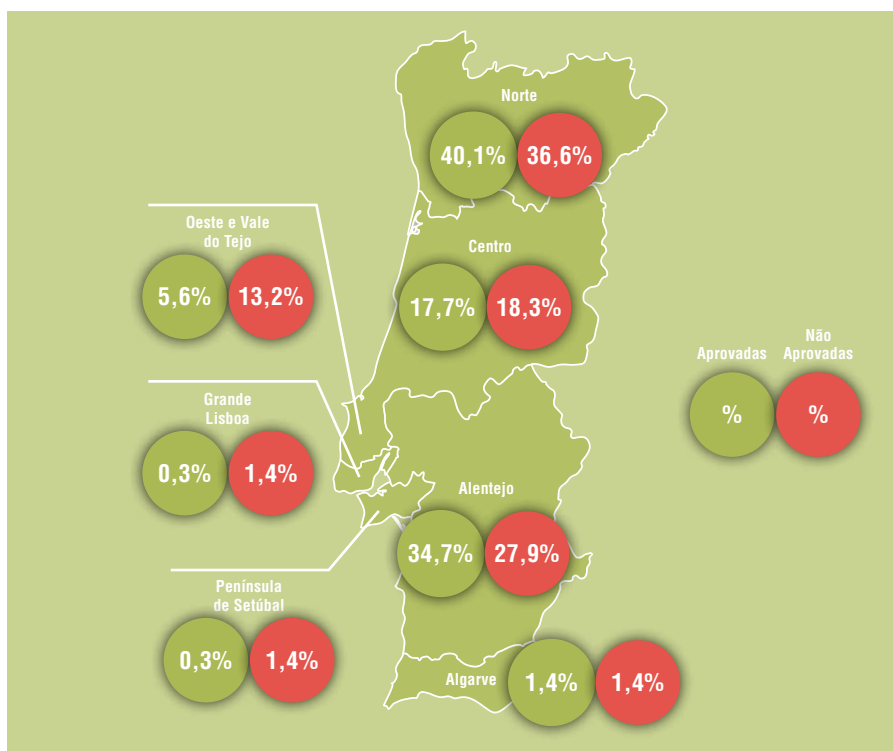
 CONFAGRI

A situação mais recente ocorreu com a publicação do «Projeto de lista de hierarquização de candidaturas» à Intervenção C.2.1.1 «Investimento produtivo agrícola – Modernização» (2.º Concurso), através da qual foi possível observar que, com a dotação inicial do aviso, de 35 milhões de euros, apenas teria sido possível aprovar cerca de 40 candidaturas a nível nacional. E, mesmo com o reforço para 100 milhões de euros, apenas será possível aprovar cerca de 29% das candidaturas apresentadas (todas com VGO ≥ 18,0 pontos), ficando excluídas, por falta de dotação, 1.814 candidaturas, de um total de 2.544 submetidas a cumprir os critérios de elegibilidade, orçamental (Figura 1).

Por outro lado, assiste-se ao Ministério da Agricultura a anunciar “Mais Rendimento para os Agricultores”: mais 21% nas ajudas ao rendimento em 2025; mais 50% no apoio ao rendimento base por hectare; mais 27% pagos em ajudas diretas antecipadas (2025/2024).

FIGURA 1

Distribuição geográfica da aprovação percentual das candidaturas do 2.º concurso da Intervenção C.2.1.1 «Investimento produtivo agrícola – Modernização».

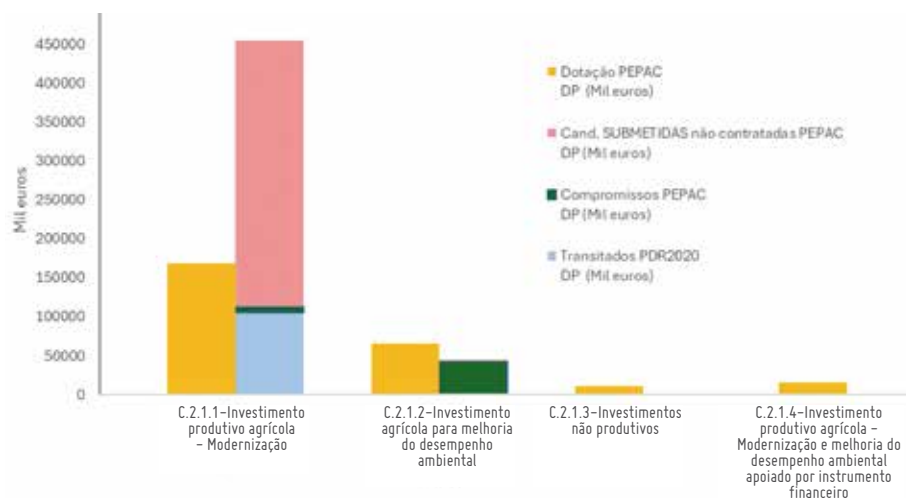


QUADRO 1 Despesa Pública anual do Eixo A do PEPAC

DESPESA PÚBLICA (DP) ANUAL DO «EIXO A»	2023	2024	2025	2026	2027	2028
Nota: Os anos 2023-2026 incluem uma transferência anual de 85 milhões de euros do FEADER (retirados das medidas do Desenvolvimento Rural)	DP	DP	DP	DP	DP	DP
	(€)	(€)	(€)	(€)	(€)	(€)
<b>Eixo A - RENDIMENTO E SUSTENTABILIDADE</b>	<b>698.619.127,23</b>	<b>707.403.165,32</b>	<b>716.187.203,85</b>	<b>724.971.242,21</b>	<b>639.971.241,87</b>	
Variação da Despesa Pública (%) face a 2023		1%	3%	4%	-8%	
<b>A.1 RENDIMENTO E RESILIÊNCIA</b>	<b>393.420.587,23</b>	<b>398.572.441,32</b>	<b>490.673.251,85</b>	<b>491.433.286,21</b>	<b>431.407.164,80</b>	-
Variação da Despesa Pública (%) face a 2023		1%	25%	25%	10%	
A.1.1 - Apoio ao rendimento base	254.301.198,23	257.703.052,32	349.003.862,85	349.063.897,21	303.949.433,80	-
A.1.2 - Apoio Associado	139.119.389,00	140.869.389,00	141.669.389,00	142.369.389,00	127.457.731,00	-
<b>A.2 EQUIDADE</b>	<b>130.587.144,00</b>	<b>131.465.548,00</b>	<b>132.343.952,00</b>	<b>140.367.956,00</b>	<b>126.317.889,82</b>	-
Variação da Despesa Pública (%) face a 2023		1%	1%	7%	-3%	
A.2.1 - Pagamento aos pequenos agricultores	60.742.990,00	6.0742.990,00	60.742.990,00	67.888.590,00	62.318.227,00	
A.2.2 - Apoio redistributivo complementar	69.844.154,00	70.722.558,00	71.600.962,00	72.479.366,00	63.999.662,82	
<b>A.3 SUSTENTABILIDADE (Ecorregime)</b>	<b>174.611.396,00</b>	<b>177.365.176,00</b>	<b>93.170.000,00</b>	<b>93.170.000,00</b>	<b>82.246.187,25</b>	-
Variação da Despesa Pública (%) face a 2023		2%	-47%	-47%	-53%	
A.3.1 - Agricultura biológica (Conversão e Manutenção)	76.170.400,00	78.590.200,00	0,00	0,00	0,00	-
A.3.2 - Produção integrada (PRODI) – Culturas agrícolas	55.331.000,00	55.664.980,00	0,00	0,00	0,00	-
A.3.3 - Gestão do solo	19.050.000,00	19.050.000,00	19.250.000,00	19.250.000,00	16.993.013,91	-
A.3.3.1 - Maneio da pastagem permanente	13.050.000,00	13.050.000,00	17.000.000,00	17.000.000,00	15.006.817,48	-
A.3.3.2 - Promoção da fertilização orgânica	6.000.000,00	6.000.000,00	2.250.000,00	2.250.000,00	1.986.196,43	-
A.3.4 - Melhorar a eficiência alimentar animal para redução das emissões de GEE	5.060.000,00	5.060.000,00	7.920.000,00	7.920.000,00	6.991.411,44	-
A.3.5 - Bem-estar animal e uso racional de antimicrobianos	3.999.996,00	3.999.996,00	10.000.000,00	10.000.000,00	8.827.539,69	-
A.3.6 - Práticas promotoras da biodiversidade	15.000.000,00	15.000.000,00	56.000.000,00	56.000.000,00	49.434.222,21	-

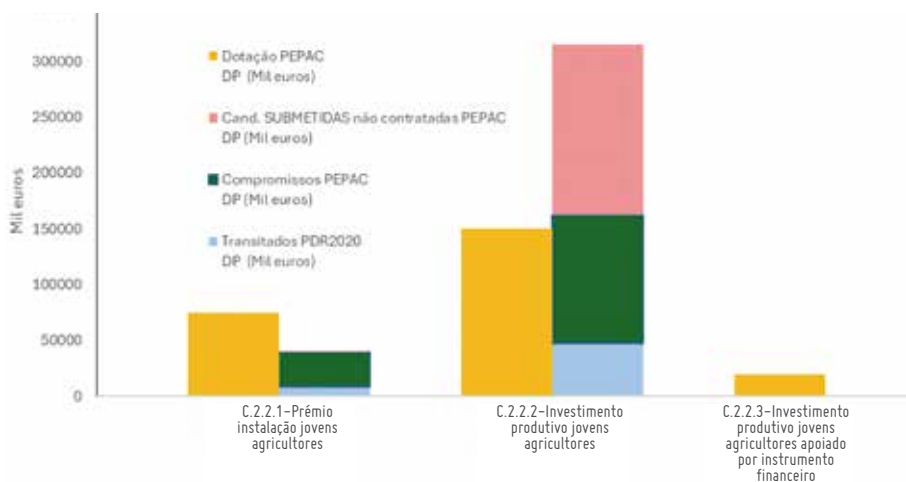
Fonte: GPP

**FIGURA 2** C.2.1. Investimento na Exploração Agrícola



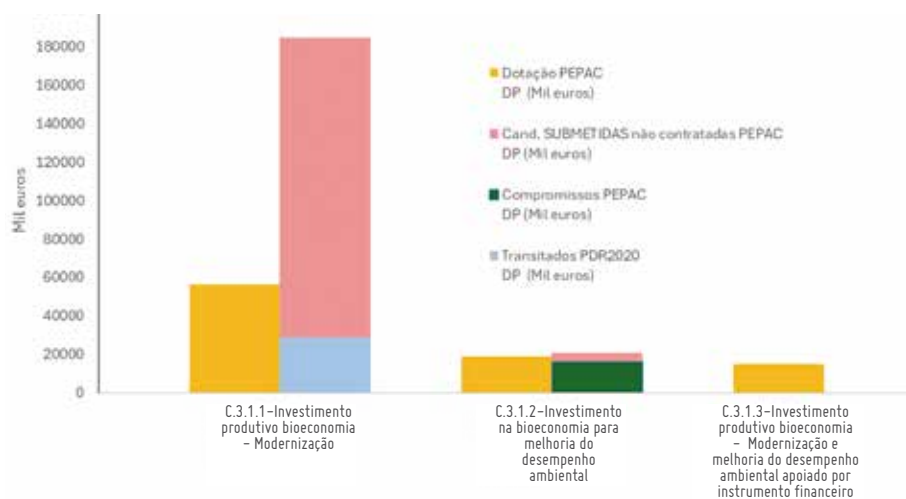
Sem investimento, não há modernização, rejuvenescimento, nem capacidade de resposta aos desafios climáticos e produtivos que a agricultura enfrenta.

**FIGURA 3** C.2.2. Instalação de Jovens Agricultores



Mas, como foi possível um "milagre" desta amplitude? Da análise do Quadro 1, que corresponde a parte do «Plano Financeiro do Plano Estratégico da PAC» - PEPAC, resultante da atribuída 3.ª reprogramação, na versão 6.1 de 4 de fevereiro de 2025, é fácil de verificar que esse "milagre" foi apenas o resultado da transferência do financiamento das intervenções A.3.1 - Agricultura biológica (Conversão e Manutenção) e A.3.2 - Produção integrada (PRODI) - Culturas agrícolas para o Eixo C do PEPAC, passando estas a ser financiadas pelo Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural (FEADER), ao invés do financiamento via Fundo Europeu Agrícola de Garantia (FEAGA), como estabelecido na versão inicial do PEPAC. O "milagre do rendimento" teve um custo - deixar o investimento praticamente moribundo!

**FIGURA 4** C.3.1. Investimentos na Bioeconomia de base Agrícola / Florestal



A agricultura tem um papel importante na economia nacional, sendo o grande fator de coesão social e territorial. Contudo, continua a necessitar de profundas transformações para responder, por um lado, à redução da mão de obra disponível e ao rejuvenescimento do sector, e por outro, aos desafios que se lhe assistem associados às alterações climáticas, à segurança alimentar e melhoria da qualidade dos produtos, à otimização de recursos naturais e eficiência hídrica/energética e à introdução de novas tecnologias. Por tudo isto, os projetos de modernização das explorações agrícolas, de instalação de Jovens Agricultores e

da bioeconomia, financiados pelo PEPAC (2023-2027), são fundamentais para a competitividade, sustentabilidade e inovação da agricultura nacional.

Foi precisamente por estas razões que a CONFAGRI emitiu parecer negativo à 3.ª Reprogramação do PEPAC, considerando inaceitáveis os cortes profundos nas verbas destinadas ao investimento agrícola. A Confederação alertou para o impacto direto destes cortes na capacidade de modernização do sector.

As críticas generalizadas que agora surgem, vêm apenas reforçar o que a CONFAGRI já havia alertado em outubro de 2024. Conforme foi antecipado, no devido local e momento, os cortes de 50% nas dotações, já escassas, das intervenções destinadas a investimentos nas explorações agrícolas, na bioeconomia e nas florestas confirmam-se agora, ao verificar-se a existência de um défice de 580 milhões de euros para responder à totalidade das intenções de candidaturas às intervenções C.2.1.1 - Investimento produtivo agrícola – Modernização, C.2.2.2 - Investimento produtivo jovens agricultores e C.3.1.1 - Investimento produtivo bioeconomia – Modernização, conforme ilustrado nas figuras 2, 3 e 4.



Independentemente das opções de planeamento e gestão do PEPAC — ou mesmo da eventual subavaliação das reais intenções de investimento dos operadores do sector agroalimentar — não se pode hipotecar o futuro da agricultura nacional.

É fundamental evitar a transição de compromissos subfinanciados que venham a condicionar gravemente o próximo programa de apoio para sector. Para tal, torna-se imprescindível um reforço da Participação Pública Nacional (CPN) num montante próximo dos 600 milhões de euros, garantindo condições mínimas para a modernização e sustentabilidade do sector agrícola português. ●

# NOVOS TRACTORES COMPACTOS

IDEAIS PARA PEQUENAS PROPRIEDADES



**LOVOL**  
Tractores compactos,  
Fiáveis e Robustos de 25 a 115 CV

**LOVOL**

**PREET AVENGER**  
Trator compacto,  
Ergonómico e Elegante de 20 e 26 CV



**LOVOL**  
Mini escavadora FR26



**LOVOL**



# CONFAGRI DEBATE NOVA PAC NA FEIRA AGRO E ALERTA PARA RISCOS NO SECTOR AGROALIMENTAR

TEXTO

PAULO MARQUES

CONFAGRI



1. INTERVENÇÃO DO SECRETÁRIO-GERAL DA CONFAGRI, NUNO SERRA

No âmbito da 58.ª edição da AGRO — Feira Internacional de Agricultura, Pecuária e Alimentação, a CONFAGRI promoveu, no dia 27 de março, no Fórum Braga, o seminário “A Nova Política Agrícola Europeia: Desafios e Perspetivas para Portugal”, reunindo cerca de duas centenas de participantes entre agricultores, dirigentes cooperativos, técnicos, responsáveis institucionais e representantes políticos.

Organizada com o apoio da CAVAGRI, da AGROS e da InvestBraga, a iniciativa proporcionou um momento de reflexão sobre o futuro da Política Agrícola Comum (PAC), numa fase em que se intensifica o debate em torno da reforma pós-2027 e das suas implicações para a agricultura portuguesa. Num contexto marcado pela instabilidade geopolítica, pelo aumento dos custos de produção e pela pressão sobre a competitividade das explorações, a discussão incidiu sobre os riscos de uma nova orientação europeia que, no entendimento da CONFAGRI, poderá comprometer a competitividade do sector agroalimentar e enfraquecer uma das políticas mais estruturantes da construção europeia.

Ao longo da manhã, o seminário procurou não apenas analisar a proposta em discussão, mas também afirmar a posição do sector agroalimentar português perante um desenho da PAC que suscita fortes reservas. A ideia central, repetida em diferentes momentos, foi clara: a agricultura portuguesa precisa de uma política que incentive o investimento, valorize a produção, promova a inovação e reconheça o papel estratégico dos agricultores na segurança alimentar, na coesão territorial e na sustentabilidade do território.

## Sessão de Abertura: A importância de discutir a nova PAC

Na abertura do seminário, o Secretário-Geral da CONFAGRI, Nuno Serra, destacou a pertinência do tema e a necessidade de aprofundar o debate sobre a nova PAC, lembrando que as decisões que vierem a ser tomadas irão condicionar a atividade agrícola nos próximos anos. O dirigente sublinhou que a proposta atualmente em discussão levanta muitas reservas por não responder, no entender da CONFAGRI, às necessidades do sector, defendendo que a futura política agrícola europeia deveria ser mais orientada para o investimento, para o conhecimento e para a incorporação de novas tecnologias, criando condições para reforçar a produtividade e a competitividade das explorações.

A intervenção ficou também marcada pela referência ao difícil contexto que o sector atravessa, nomeadamente devido ao aumento dos custos de produção, em particular da energia e dos combustíveis, alertando para a necessidade de medidas rápidas que permitam mitigar estes impactos e evitar que a pressão sobre os custos comprometa a viabilidade económica das explorações agrícolas.

Também o Presidente da CAVAGRI, Alfredo Marques, sublinhou a importância de aproximar as políticas públicas da realidade

exigente e competitivo, ficou clara a ideia de que Portugal não pode aceitar uma reforma que fragilize ainda mais o sector primário, nem comprometa a capacidade produtiva e a sustentabilidade económica das explorações agrícolas.

### **Sessão de Encerramento: Críticas à proposta e alerta para a situação do sector**

A sessão de encerramento contou com a intervenção do vereador da Câmara Municipal de Braga, Altino Bessa, em representação do Presidente da autarquia, do Presidente da CCDR-Norte, Álvaro Santos, e do Presidente da CONFAGRI, Idalino Leão.

Em representação do Município de Braga, Altino Bessa começou por felicitar a CONFAGRI pela organização do seminário e pela pertinência do tema escolhido, reconhecendo a importância de criar espaços de debate sobre uma matéria tão determinante para o futuro da agricultura. Na sua intervenção destacou o papel fundamental dos agricultores na ocupação do território, na prevenção do abandono rural e na manutenção da população nas zonas rurais, sublinhando a necessidade de atrair jovens para o sector e de garantir condições para a sua sustentabilidade económica.

Por sua vez, o Presidente da CCDR-Norte, Álvaro Santos, aproveitou a sessão para reforçar o compromisso da instituição com o desenvolvimento rural e com uma maior proximidade ao território. Na sua análise, Álvaro Santos recordou que a agricultura europeia atravessa um período de transformação profunda, marca-



2. INTERVENÇÃO DO PRESIDENTE DA CAVAGRI, ALFREDO MARQUES

do terreno, defendendo que é essencial ouvir agricultores, técnicos e organizações quando se desenham medidas para o sector. O dirigente cooperativo destacou ainda a necessidade de reforçar a formação e a comunicação com os agricultores, de forma que estes compreendam melhor as medidas e os apoios disponíveis e possam tomar decisões mais informadas. O Presidente da CAVAGRI apelou a que as entidades responsáveis pela definição da PAC e das medidas de apoio saibam ouvir “quem tem os pés no terreno”, valorizando o conhecimento dos produtores e dos técnicos que trabalham diretamente com eles. Só assim, sustentou, será possível encontrar soluções equilibradas, adequadas às necessidades reais da agricultura e capazes de gerar benefícios duradouros para o país.

### **A nova PAC em debate**

O painel central do seminário foi dedicado ao tema “A Nova Política Agrícola da União Europeia – Desafios e Perspetivas para Portugal”, tendo como *key-note speaker* Eduardo Diniz, Diretor-Geral do GPP. Seguiu-se um momento de comentários e debate com Paulo do Nascimento Cabral, Eurodeputado, Maurício Marques, Presidente da Comissão de Agricultura e Pescas, e Paulo Ramalho, Vice-Presidente

da CCDR-Norte, sob moderação de Nuno Serra, Secretário-Geral da CONFAGRI. O debate evidenciou a preocupação existente relativamente à proposta da PAC pós-2027, nomeadamente quanto ao seu impacto na competitividade da agricultura portuguesa, à necessidade de garantir estabilidade e investimento no sector e à importância de assegurar que as políticas europeias tenham em conta as especificidades da agricultura nacional e a realidade dos agricultores. Num cenário internacional cada vez mais



3. INTERVENIENTES DO PAINEL CENTRAL DO SEMINÁRIO



4. INTERVENIENTES NO PAINEL DA SESSÃO DE ENCERRAMENTO

do por alterações climáticas, volatilidade dos mercados, exigências ambientais e desafios de renovação geracional. Neste quadro, sustentou que a PAC continua a ser um instrumento essencial, não apenas como mecanismo de financiamento, mas como política estratégica para garantir segurança alimentar, coesão territorial e viabilidade económica das explorações. Destacou também o papel das cooperativas agrícolas como estruturas fundamentais para a organização da produção, criação de valor e desenvolvimento dos territórios e referiu ainda o reforço do papel da CCDR-Norte no apoio ao desenvolvimento rural e na articulação de políticas públicas e instrumentos de financiamento dirigidos ao sector.

Mas foi na intervenção do Presidente da CONFAGRI, Idalino Leão, que ficaram algumas das mensagens mais marcantes do seminário. Num discurso assertivo e marcado por vários alertas, o dirigente começou por afirmar que a proposta da nova PAC recolhe rejeição transversal no sector, considerando que, se avançar nos termos atualmente conhecidos, poderá significar “o fim da PAC tal como a conhecemos”. Mais do que isso, advertiu, uma reforma deste tipo pode acentuar assimetrias entre Estados-Membros e pôr em causa o próprio equilíbrio do projeto europeu. Idalino Leão apelou ao envolvimento de todas as instâncias políticas — europeias, nacionais e regionais — na contestação a uma proposta que entende ser lesiva para a agricultura. Dirigindo-se aos responsáveis políticos presentes, defendeu a necessidade de construir uma rede de influência e ação capaz de inverter o rumo do processo.

Idalino Leão alertou também para os problemas imediatos que o sector enfrenta, como o aumento dos custos de produção, nomeadamente do gasóleo agrícola, e a falta de medidas de apoio suficientemente eficazes para compensar essa subida, defendendo que Portugal deve acompanhar as medidas adotadas por outros países, como Espanha, para garantir condições de concorrência mais equilibradas.

Foi também particularmente crítico em relação à situação da sanidade animal, considerando “inaceitável” que, no final de março, os produtores pecuários e as OPSA estejam com a sua situação em suspenso persistindo indefinições quanto à adjudicação e funcionamento das estruturas ligadas às campanhas sanitárias. A este propósito, voltou a alertar para os riscos da dermatose, defendendo uma estratégia mais musculada de prevenção, a existência de planos de contingência

claros e mecanismos compensatórios para os agricultores caso surjam surtos. No plano internacional, Idalino Leão criticou ainda os acordos comerciais com países terceiros, como o Mercosul, a Austrália ou a Índia, por entender que colocam os agricultores europeus a competir em condições desiguais, com regras de produção incomparáveis. Para o Presidente da CONFAGRI, não é aceitável que o sector primário continue a ser usado como moeda de troca em negociações geopolíticas, enquanto se exigem aos produtores europeus níveis cada vez mais elevados a nível ambiental, sanitária e regulatória.

A encerrar, afirmou que existe hoje um Portugal agroalimentar em situação de verdadeira asfíxia, o que exige medidas imediatas para salvaguardar a atividade produtiva, a competitividade e a soberania alimentar do país.

#### **CONFAGRI marca presença na AGRO 2026**

A CONFAGRI voltou a marcar presença na AGRO, em Braga, enquanto parceira ativa de um dos mais importantes certames agrícolas do país. Ao longo da feira, a Confederação recebeu agricultores, dirigentes cooperativos, técnicos e representantes institucionais, reforçando a proximidade ao sector e a partilha de informação sobre os principais temas da atualidade agrícola.

Com esta presença, a CONFAGRI reafirmou o seu compromisso com a valorização do mundo rural, com a defesa dos agricultores e das cooperativas e com a construção de soluções para os desafios estratégicos do sector agroalimentar. ●



5. INTERVENÇÃO DO PRESIDENTE DA CONFAGRI, IDALINO LEÃO



## RUBRICA “MULHERES QUE CULTIVAM O FUTURO” O PAPEL DAS MULHERES NA AGRICULTURA PORTUGUESA

Em 2026, as Nações Unidas assinalam o Ano Internacional da Mulher Agricultora, uma iniciativa que pretende chamar a atenção para o papel essencial das mulheres nos sistemas agroalimentares e para os desafios que continuam a enfrentar em muitas regiões do mundo.

TEXTO

CÁTIA ROSAS E PAULO MARQUES

CONFAGRI

À escala global, as mulheres representam uma parte muito significativa da força de trabalho nos sistemas agroalimentares e desempenham funções essenciais ao longo de toda a cadeia de valor, desde a produção agrícola à transformação, distribuição

e comercialização de alimentos. Para além do trabalho diretamente ligado à atividade agrícola, as mulheres assumem também, em muitas regiões, um papel central na gestão dos agregados familiares, contribuindo de forma decisiva para a segurança alimentar, a nutrição

e a coesão das comunidades rurais. Apesar desta importância, as mulheres agricultoras continuam a enfrentar desigualdades significativas no acesso à terra, ao crédito, à formação, à tecnologia e a outros recursos produtivos, o que condiciona a sua capacidade de investimento e o desenvolvimento das suas explorações. Em muitas situações, enfrentam também condições de trabalho mais precárias e uma maior vulnerabilidade económica e social. Diversos estudos internacionais demonstram, aliás, que a redução das desigualdades de género na agricultura poderia contribuir de forma significativa para a redução da pobreza e da insegurança alimentar e para o reforço da sustentabilidade dos sistemas agroalimentares.

O Ano Internacional da Mulher Agricultora pretende precisamente aumentar a sensibilização para estas questões e incentivar a adoção de políticas e medidas que promovam a igualdade de oportunidades, o acesso a recursos e o empoderamento das mulheres nos sistemas agroalimentares, reconhecendo que o seu contributo é essencial para o desenvolvimento rural, para a vitalidade dos territórios e para o futuro da agricultura.

É neste contexto que a revista Espaço Rural irá desenvolver, ao longo das próximas edições, uma rubrica dedicada ao papel das mulheres na agricultura portuguesa, designada “Mulheres que Cultivam o Futuro”. Mais do que assinalar uma data simbólica, pretende-se com esta iniciativa dar visibilidade ao trabalho, ao conhecimento e à experiência de muitas mulheres que, nas mais diversas áreas, contribuem diariamente para o desenvolvimento da agricultura e do mundo rural.

Ao longo desta série serão abordados diferentes temas, procurando retratar a diversidade de percursos e de funções desempenhadas pelas mulheres no sector agrícola, desde a liderança no movimento cooperativo até ao papel das jovens agricultoras na renovação geracional, passando pela inovação, pelo conhecimento e pela agricultura familiar, que continua a ser um pilar fundamental de muitos territórios rurais. O primeiro artigo desta rubrica procura precisamente traçar um retrato da presença e do papel das mulheres na

agricultura portuguesa, com base em dados e indicadores que permitem compreender melhor a evolução verificada nos últimos anos e a importância do contributo feminino para o sector agrícola nacional. Conhecer esta realidade é fundamental para valorizar o papel das mulheres no sector agrícola e para refletir sobre os caminhos futuros da agricultura e dos territórios rurais.

### Mulheres na Agricultura Portuguesa: entre a Presença e o Poder

As mulheres são centrais nos sistemas agroalimentares, mas continuam sub-representadas nos espaços de decisão. No nosso País, a presença de mulheres na agricultura tem crescido, mas o acesso ao poder continua com assimetrias persistentes. Entre 2003 e 2023, aumentou a proporção feminina de dirigentes de explorações agrícolas. Porém, em 2019, apenas 33% de produtores singulares e 15% de dirigentes de sociedades agrícolas eram mulheres, com disparidades regionais<sup>1</sup> (INE, 2021).

A evolução sugere maior resiliência feminina num sector marcado pelo abandono: entre 2009 e 2019, o número de mulheres agricultoras diminuiu menos do que o de homens. Em paralelo, o rendimento médio das mulheres na agricultura cresceu acima da média nacional nessa década, sinalizando uma valorização progressiva do seu contributo (INE, 2021).

No entanto, esta presença não se traduz proporcionalmente em liderança. No sector cooperativo agrícola, as mulheres representam uma parte significativa da força de trabalho, mas estão sub-representadas nos órgãos de decisão. Apesar da grande estabilidade laboral<sup>2</sup>, em 2023, nas 100 maiores cooperativas agrícolas, representavam 38% dos 4510 postos de trabalho, enquanto apenas 24 mulheres integravam os respetivos órgãos de administração<sup>3</sup> (CONFAGRI, 2025).

A comparação com o sector do crédito cooperativo revela, contudo, trajetórias distintas. Aí, a presença feminina aproxima-se da paridade, incluindo em cargos de administração, o que poderá estar associado, entre outros fatores, a maior pressão regulatória e a exigências legais em matéria de equilíbrio de género. Esta diferença evidencia que

a desigualdade não é inevitável, mas moldada por contextos e escolhas de governação.

Em 2023, nas 50 maiores cooperativas de crédito, 48,1% dos trabalhadores eram mulheres, e cerca de 30% dos cargos de administração eram ocupados por mulheres, com várias cooperativas a atingir ou superar a paridade (CONFAGRI, 2025).

Também no plano remuneratório persistem assimetrias. Em 2018, o ganho médio horário nas cooperativas era superior ao da economia social e alinhado com a média nacional, embora com diferencial salarial de género. Mesmo assim, este diferencial era menor ao de outros sectores e mais de 70% das cooperativas adotavam políticas de paridade salarial (CASES, 2021). Entre 2015 e 2023, o rendimento médio feminino na agricultura aumentou 49%, acima do crescimento registado no conjunto da economia (37%).

### Mulheres na agricultura mundial: entre invisibilidade e potencial

A experiência internacional confirma esta leitura, mas mostra que a mudança pode ser acelerada através de ação estruturada. Segundo a FAO (2023), as mulheres representam cerca de 39% da força de trabalho nos sistemas agroalimentares, enfrentando barreiras persistentes no acesso a terra, crédito e decisão: o designado “teto invisível” que restringe a sua progressão.

Na União Europeia, as mulheres representam quase metade da população rural, mas detêm apenas cerca de um terço das explorações agrícolas. Projetos como o GRASS Ceiling mostram que são motores de inovação nos territórios rurais, apesar das limitações estruturais e normas sociais.

Em Espanha, a Associação de Mulheres Cooperativistas (AMCAE), criada pela Cooperativas Agroalimentarias, tem reforçado a participação feminina através de formação, liderança e acesso à decisão. Também a Aliança Internacional das Cooperativas destacou, em 2025, o papel das mulheres na transformação sustentável dos territórios através do movimento cooperativo.

“As mulheres sempre estiveram no centro da vida rural, mas têm sido frequentemente ignoradas pelas políticas e pelos sistemas de apoio”, Sally Shortall, presidente da Associação Internacional de Sociologia Rural.

### Próximos passos

Algumas dimensões continuam subvalorizadas nas políticas públicas. A sobrecarga de trabalho não remunerado, particularmente em meio rural, limita a participação das mulheres. O acesso a serviços de cuidados, como creches, é um fator crítico para aumentar a participação e o rendimento das mulheres nos sistemas agroalimentares. Persistem também necessidades ao nível de dados desagregados por género, fortalecimento da representação feminina na decisão e instrumentos de financiamento ajustados.

### Conclusões

Os dados mostram progresso, seja na participação, no rendimento ou até na permanência de mais mulheres no sector, mas revelam um desfasamento persistente entre presença e poder. Mais do que reconhecer o papel das mulheres, importa acelerar mudanças concretas no acesso à terra, ao crédito, à decisão e à liderança.

Num contexto em que muitas organizações se aproximam de processos de renovação geracional, abre-se uma oportunidade concreta para reforçar a representatividade feminina nos espaços de decisão. Preparar essa transição de forma intencional pode contribuir não só para maior equilíbrio, mas também para organizações mais dinâmicas, inclusivas e capazes de responder aos desafios futuros. Estas são condições para a inovação, a sustentabilidade e o futuro dos territórios rurais. O desafio não está na evidência. Está na sua transformação em ação. ●

### BIBLIOGRAFIA:

INE (2021). Recenseamento Agrícola 2019 <https://www.ine.pt>  
CASES/ISES (2021) — Retrato da Mulher no Setor Cooperativo Português <https://www.cases.pt> <https://cases.pt/wp-content/uploads/2021/04/Relatorio-CASES-Retrato-da-Mulher-no-Sector-Cooperativo-Portugues-V2-II-PRINT.pdf>  
CONFAGRI (2025). As 100 maiores cooperativas agrícolas e as 50 maiores cooperativas de crédito portuguesas. Confederação Nacional das Cooperativas Agrícolas Portuguesas, CCRL, Lisboa.  
FAO (2023) — The Status of Women in Agrifood Systems <https://www.fao.org/documents/card/en/c/cc5343en>  
ICA (2025). Aliança Cooperativa Internacional <https://ica.coop/en>

### NOTAS:

- 1 Cerca de 45% na Madeira e 41% em Entre Douro e Minho, contrastando com 23% no Ribatejo e Oeste e 21% nos Açores, no caso de mulheres produtoras; Cerca de 18% na Beira Litoral e 12% nos Açores, no caso das dirigentes em sociedades agrícolas.
- 2 82% dos trabalhadores em cooperativas agrícolas têm contrato sem termo, em linha com a média nacional.
- 3 Quando se observa o conjunto do sector cooperativo português, para 2018 (CASES, 2021), o padrão confirma-se: as mulheres representam mais de metade dos trabalhadores das cooperativas, mas apenas cerca de 23% nos cargos de direção de topo e 19% nos de dirigentes.



ENFARDADEIRA FBP 3135



SEMEADOR DE SEMEITEIRA DIRETA SDE3000



GRADE RÁPIDA

# BE STRONG, BE KUHN



SEMEADOR MECÂNICO PREMIA



JUNTADOR DE FENOS



GADANHEIRA LIFT CONTROL



M. Edifício Auto Industrial | Estrada da Circunvalação | 2794-065 Carnaxide  
T. +351 210 009 771  
E. [divagricola@auto.industrial.pt](mailto:divagricola@auto.industrial.pt)  
W. [divisaoagricola.autoindustrial.pt](http://divisaoagricola.autoindustrial.pt)

TEXTO

AUGUSTO FERREIRA

CONFAGRI

## NOVOS APOIOS ÀS PASTAGENS E AOS PASTORES NO ANO INTERNACIONAL

A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), designou 2026 como o Ano Internacional das Pastagens e dos Pastores (*International Year of Rangelands and Pastoralists – IYRP 2026*), lançando uma campanha global que visa aumentar a conscientização e valorizar as contribuições vitais das pastagens e dos pastores na produção sustentável de alimentos, na preservação dos ecossistemas e na mitigação e adaptação às alterações climáticas.

**D**e acordo com os dados da FAO, as pastagens cobrem cerca de metade da superfície terrestre em ecossistemas como pradarias, savanas e matagais, desertos, zonas húmidas ou zonas montanhosas. As estepes da Ásia Central, a savana africana, os Alpes e os Pirenéus na Europa, os Andes na América do Sul e as Grandes Planícies dos Estados



Unidos são exemplos destas paisagens. Estas áreas preservam fauna e flora únicas e prestam serviços essenciais, incluindo o armazenamento de carbono e a regulação da água.

Os Pastores são gestores do território que, contribuindo para a segurança alimentar global, têm a capacidade para simultaneamente preservar os ecossistemas e o património cultural onde se inserem.

Coincidindo com o Ano Internacional das Pastagens e dos Pastores, o Ministério da Agricultura e Mar, conjuntamente com o Ministério do Ambiente e Energia, avançaram com um «Programa de Apoio à Redução da Carga Combustível Através do Pastoreio», com financiamento do Fundo Ambiental, para promover a mitigação das alterações climáticas, através de ações de gestão de combustível por via do pastoreio.

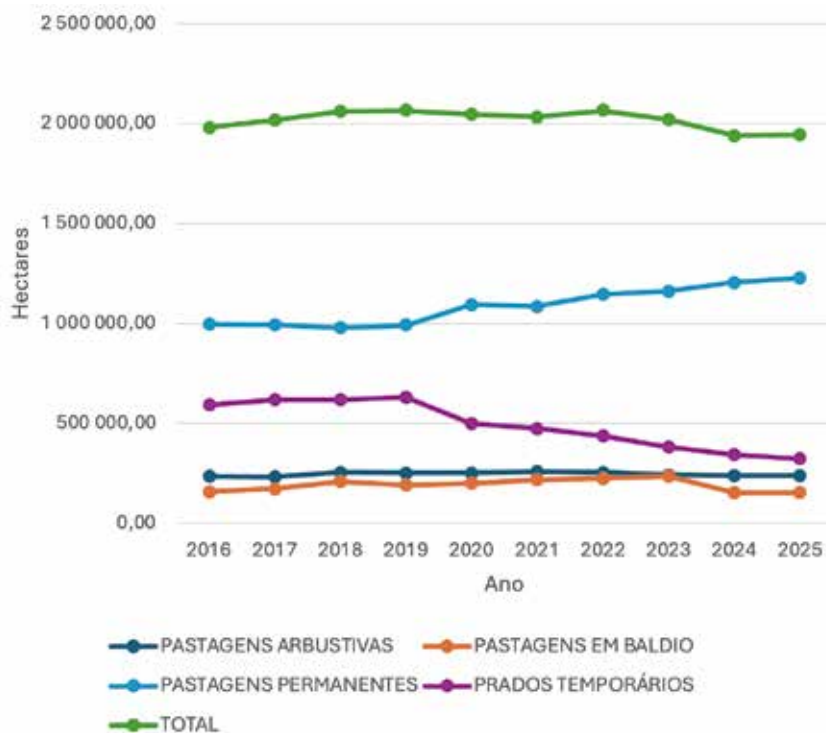
De acordo com ambos os Ministérios, 92% do território de Portugal Continental é ocupado atualmente por superfícies agrícolas, florestais e agroflorestais, tendo as superfícies florestais aumentado significativamente, atingindo atualmente cerca de 69% do território continental: 36% floresta e 33% matos, pastagens e improdutivos, o que, de acordo com os mesmos Ministérios, associado ao abandono da gestão ativa do território, tem resultado na intensificação dos incêndios rurais.

De facto, e analisando em particular a evolução das áreas de prados e pastagens declaradas anualmente no formulário do Pedido Único de Ajudas (Figura 1), não se constata alterações significativas, em termos da evolução destas áreas, ao longo da última década (2016-2025). No entanto, no que concerne ao número de animais das espécies bovina, ovina e caprina (Figura 2), verifica-se uma redução no número total superior a 500.000 animais (somatório das várias espécies), correspondente a mais de 13% do total, com especial incidência na espécie caprina, onde a quebra no número de animais ascendeu a cerca de 30%. Os números apresentados demonstram de forma inequívoca uma redução da gestão ativa do território, em particular no que diz respeito à atividade pecuária, em resultado de políticas recentes de incentivo a uma sobre-extensificação, que, no limite, poderão ser consideradas de abandono, também pela redução da presença humana no sistema produtivo.

No caso concreto de Portugal, as recentes políticas introduzidas com o PEPAC 2023-2027, ao tentarem promover uma extensifi-

**FIGURA 1**

**Evolução da Área de Prados e Pastagens declarados no Pedido Único (2016-2025)**

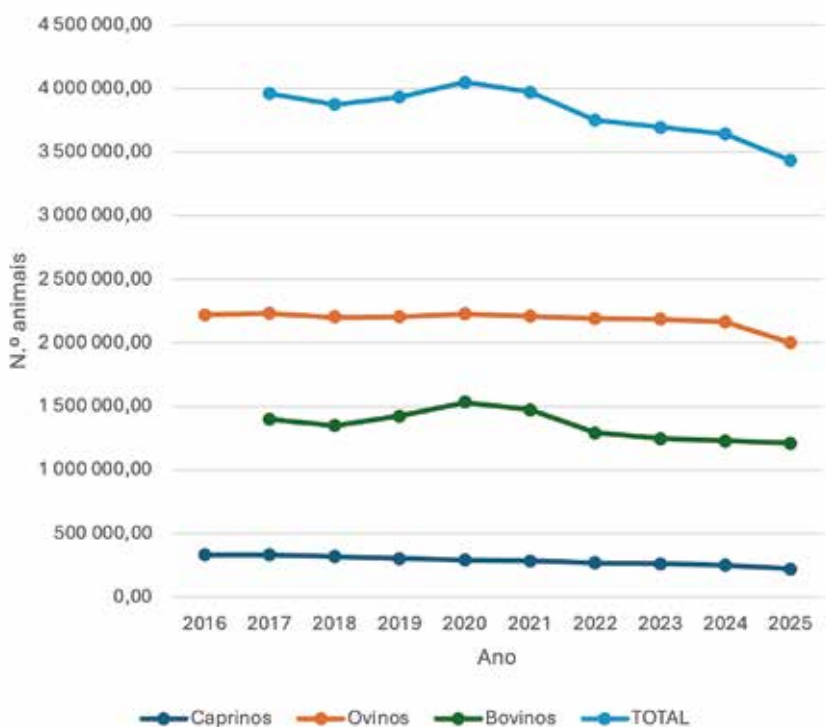


Fonte: Dados de IFAP/GPE.

Nota: Dados declarados nos formulários anuais do Pedido Único de Ajudas (PU).

**FIGURA 2**

**Evolução do número de animais identificados no SNIRA (2016-2025)**

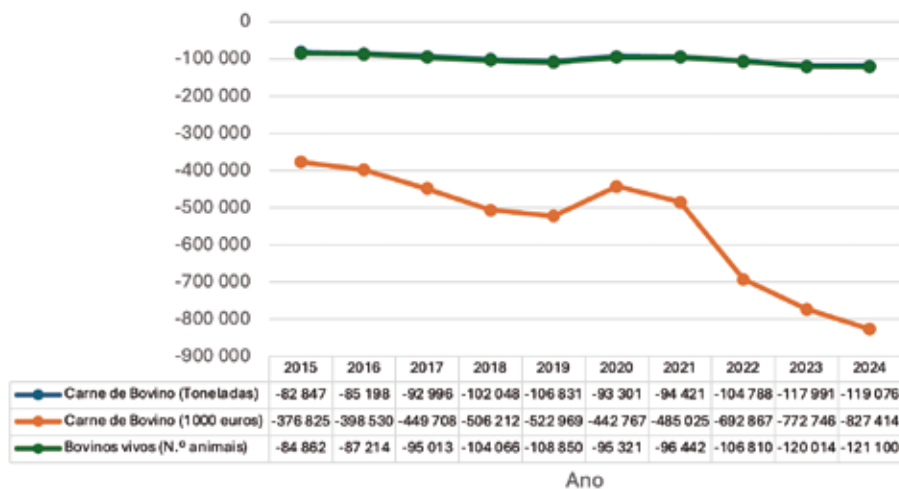


Fonte: Dados de IFAP/GPE.

Nota 1: Inclui bovinos, ovinos e caprinos machos e fêmeas de todas as raças, idades e aptidões.

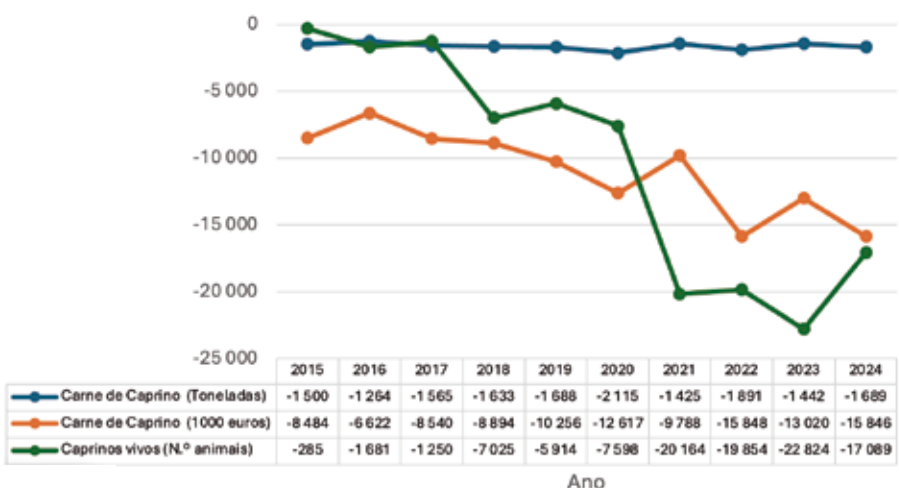
Nota 2: Dados referentes ao ano 2016 inacessíveis para a espécie bovina.

**FIGURA 3 BOVINOS (Saldo: Exportações - Importações)**



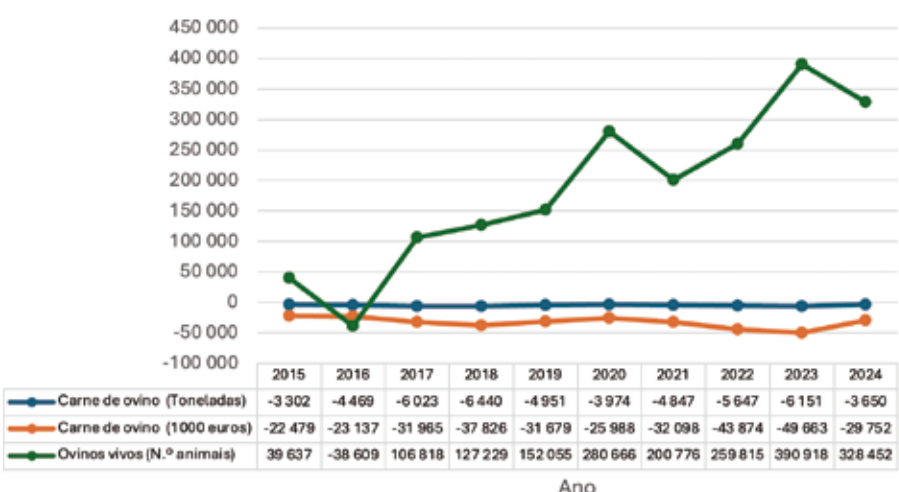
Fonte: Dados de <https://www.gpp.pt/index.php/produtos/produtos>.

**FIGURA 4 CAPRINOS (Saldo: Exportações - Importações)**



Fonte: Dados de <https://www.gpp.pt/index.php/produtos/produtos>.

**FIGURA 5 OVINOS (Saldo: Exportações - Importações)**



Fonte: Dados de <https://www.gpp.pt/index.php/produtos/produtos>.

cação sustentável, terão conduzido a uma acentuada redução da atividade pecuária, que originou não apenas a perda de valores produtivos (animais), como também de valores ambientais, em resultado dos incêndios em áreas já em semi-abandono. Acresce ainda o facto de, para as espécies pecuárias anteriormente referidas, o saldo comercial ser francamente negativo para Portugal, tal como observável nas figuras 3, 4, e 5, pelo que as decisões políticas em termos de balança comercial também não se revelaram as mais adequadas, tendo contribuído para agravar a situação.

É, pois, neste cenário, que surge o «Programa de Apoio à Redução da Carga Combustível Através do Pastoreio», que visa promover o pastoreio através das espécies bovina, ovina e caprina para efeitos da redução da carga de combustível e que, financiado pelo Fundo Ambiental, conta com uma dotação anual de 30 milhões de euros, concretizando-se através de quatro medidas simplificadas, designadamente:

➤ **Apoio às áreas de baldio**, com uma dotação de 7,5 milhões de euros, destinado a promover práticas de pastorícia extensiva tradicional em áreas de baldio para redução da carga combustível através do pastoreio com efetivos de bovinos, ovinos e caprinos. Estima-se a gestão ativa de cerca de 62.500 hectares, com um pagamento anual de 120 €/ha de área utilizada de baldio, com um encabeçamento mínimo de 0,2 CN/ha de superfície forrageira em baldio.

➤ **Apoio aos animais para gestão da carga combustível**, com uma dotação de 15 milhões de euros, destinado a promover práticas de gestão ativa através do pastoreio com efetivos de bovinos, ovinos e caprinos, com um encabeçamento sustentável mínimo de 0,2 CN e máximo de 0,75 CN por hectare de superfície forrageira fora de baldio, localizada nas freguesias identificadas no anexo II da Portaria n.º 79/2026/1, de 13 de fevereiro. O apoio, na forma de subvenção não reembolsável, é calculado com base no número de vacas em aleitamento declaradas pelo beneficiário, multiplicado pelo valor unitário indicativo de 150 €, e com base no número de ovinos e caprinos declarados pelo beneficiário, multiplicado pelo valor unitário indicativo de 30 €, para efeitos dos apoios associados.

➤ **Apoio à instalação de novos produtores pecuários**, destinado a promover

a instalação de 500 novos produtores, com efetivos de bovinos, ovinos e caprinos em regime extensivo no NREAP, em regime de primeira instalação como responsável de uma exploração, em freguesias elegíveis de elevada suscetibilidade a incêndios rurais, indicadas na Portaria n.º 142/2026/1, de 6 de abril. O apoio a atribuir é de 30.000 €, sendo repartido nos seguintes montantes: 8.400 € anuais nos primeiros três anos, e 2.400 € anuais nos restantes dois anos. Os novos produtores devem assegurar um efetivo ruminante que garanta um mínimo de 5 CN nos três primeiros anos e convergir para 15 CN no quarto e quinto ano do plano. Está ainda previsto um apoio para a aquisição de animais, das espécies bovina, ovina e caprina, em condições e limites a definir em aviso específico.

- ➊ **Apoio à conversão de matos em novas pastagens**, destinado à conversão de 25.000 hectares de superfícies arbustivas (matos) em pastagens permanentes, promovendo a criação de mosaicos de descontinuidade do combustível, em territórios com elevada suscetibilidade a incêndios rurais, conforme lista de freguesias elegíveis na Portaria n.º 142/2026/1, de 6 de abril, com o compromisso de manutenção das pastagens convertidas por um período de cinco anos. O apoio sob forma de subvenção não reembolsável assumirá a forma de custos unitários a publicar em aviso de abertura de candidaturas.

Os dois primeiros apoios indicados já se encontram operacionalizados através da Portaria n.º 79/2026/1, de 13 de fevereiro, encontrando-se as candidaturas a decorrer integradas nas candidaturas do Pedido Único de Ajudas para o ano 2026. Já o «Apoio à instalação de novos produtores pecuários» e o «Apoio à conversão de matos em novas

pastagens», encontram-se regulamentados através da Portaria n.º 142/2026/1, de 6 de abril, mas ainda não se encontram operacionalizados. A dotação total para ambas medidas é de 7,5 milhões de euros, sendo atribuídos 2,5 milhões de euros para a medida «Apoio à instalação de novos produtores pecuário» e 5 milhões de euros para a medida «Apoio à conversão de matos em novas pastagens». Com o período estival a aproximar-se é

importante uma rápida operacionalização das duas últimas medidas, pois, no seu conjunto, prevê-se uma realização que irá incidir sobre um total de 35.000 hectares de superfícies forrageiras que irão também elas beneficiar da redução da carga de combustível, com efeitos (espera-se) na mitigação dos efeitos dos incêndios rurais. Paralelamente, estas duas medidas poderão também contribuir para a melhoria da situação do saldo da balança comercial do sector pecuário. ●

**9ª GERAÇÃO DE TESOURA**

**F3020**

**INFACO**

**A TESOURA ELÉCTRICA PARA OS PROFISSIONAIS**

**20%+ POTENTE 15%+ COMPACTA 15%+ RÁPIDA 12%+ LEVE**

Evoluções F3015/ F3020

Importador Exclusivo para Portugal

**LISAGRI**

N356-2, n.º 120 Ponte Cavaleiro 2410-854 Leiria  
244 814 479 • geral@lisagri.pt • www.lisagri.pt

**INFACO**®

# CCAM DO VALE DO TÁVORA E DOURO

## 100 ANOS A FINANCIAR A AGRICULTURA E O DESENVOLVIMENTO DO TERRITÓRIO



TEXTO

PAULO MARQUES

 CONFAGRI

1. SEDE DA CCAM EM TABUAÇO

**A** Caixa de Crédito Agrícola Mútuo (CCAM) do Vale do Távora e Douro celebra este ano um marco histórico: 100 anos de existência ao serviço das comunidades locais e do desenvolvimento do território. Fundada em 1926, esta instituição cooperativa tem acompanhado de perto a evolução de uma região marcada pela interioridade, mas também por uma forte identidade agrícola, cultural e paisagística. A sua área social abrange os concelhos de Tabuaço, Armamar, Penedono, Sernancelhe e Moimenta da Beira, no distrito de Viseu, bem como Aguiar da Beira e Trancoso, no distrito da Guarda. Trata-se de um território profundamente ligado ao sector agroalimentar, onde se destacam a vitivinicultura – integrada na região do Douro Vinhateiro, classificada como Património Mundial da UNESCO – bem como a produção de maçã, azeite e castanha, assente maioritariamente em explorações de carácter familiar. Num contexto marcado pelo envelhecimento demográfico e pelos desafios da coesão territorial, a CCAM do Vale do Távora e Douro tem assumido um papel central no apoio à economia local. Com mais de 7.600 associados, 66 colaboradores, depósitos superiores a

413 milhões de euros e um volume de crédito concedido que ultrapassa os 218 milhões de euros, dos quais cerca de 65% direcionados ao sector agrícola, a instituição evidencia uma forte ligação ao território e uma aposta consistente no financiamento da atividade produtiva. A solidez financeira é também um dos seus pilares, refletida num rácio de solvabilidade superior a 29%. Para além da atividade bancária, a Caixa distingue-se ainda pela sua intervenção social, nomeadamente através da Fundação da Caixa Agrícola do Vale do Távora e Douro, que desenvolve um trabalho relevante nas áreas da inclusão, educação, apoio social e dinamização comunitária. Ao longo de um século, a Caixa acompanhou gerações de agricultores, empresas e famílias, afirmando-se como um parceiro financeiro de proximidade e como um agente ativo no desenvolvimento económico e social da região. Nesta entrevista, o Presidente do Conselho de Administração reflete sobre o percurso centenário da instituição, o papel

do Crédito Agrícola no desenvolvimento das regiões rurais e os desafios que se colocam ao futuro do sector financeiro e do mundo rural.

### FICHA INFORMATIVA

**[ NOME ]**

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo do Távora e Douro

**[ CONTACTOS ]**

Morada: Rua Sá de Albergaria, Bloco E r/c 5120-423 Tabuaço

Telefone: +351 254 780 110  
Email: vtavora@creditoagricola.pt



2. ANTÓNIO CARDOSO, PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

## Entrevista com o Presidente do Conselho de Administração

### A Caixa de Crédito Agrícola Mútuo do Vale do Távora e Douro celebra este ano 100 anos de existência. Que significado assume este marco histórico para a instituição, para os seus associados e para o território onde se insere?

Cem anos são muito mais do que uma data no calendário, são um século de confiança construída dia a dia, muitas vezes em contextos adversos. A CCAM do Vale do Távora e Douro nasceu em 1926, numa região que dependia quase inteiramente da agricultura para sobreviver, e ao longo de um século atravessou guerras, crises económicas, transformações tecnológicas e profundas mudanças no próprio sector bancário. O facto de termos chegado até aqui com solidez financeira e com uma relação

de grande proximidade com os nossos associados e clientes é, por si só, motivo de orgulho. Para os nossos associados, muitos deles agricultores que trabalham estas terras há gerações, este centenário representa a confirmação de que uma instituição cooperativa, de proximidade e comprometida com o território, tem um papel insubstituível.

Para o território do Vale do Távora e Douro, estes 100 anos mostram também que o desenvolvimento rural é possível quando existe uma instituição financeira que conhece as pessoas, compreende os ciclos agrícolas e aposta no longo prazo.

### Ao longo de um século, o Crédito Agrícola tem desempenhado um papel importante no apoio às economias locais. Como caracteriza hoje a identidade da CCAM do Vale do Távora e Douro enquanto instituição cooperativa?

A nossa identidade é, antes de tudo, uma identidade de território. Não somos uma sucursal de um banco nacional que segue orientações de uma sede distante, somos uma cooperativa enraizada nesta região, gerida por pessoas que aqui vivem e que conhecem bem as necessidades reais dos agricultores, dos empresários locais e das famílias da região. Essa ligação ao território traduz-se em decisões mais ágeis, em soluções adaptadas à realidade agrícola – nomeadamente aos ciclos das colheitas – e numa relação de confiança que a banca comercial dificilmente consegue replicar. Acreditamos nos princípios cooperativos de autonomia, transparência e responsabilidade partilhada. Os nossos associados não são apenas clientes, são co-proprietários da instituição e têm voz ativa nas decisões estratégicas. Este modelo, que noutros contextos poderia parecer antiquado, revelou-se extraordi-

## PORTUGAL CONTINENTAL



SAIBA MAIS SOBRE A CCAM DO VALE DO TÁVORA E DOURO

nariamente resiliente e continua a fazer pleno sentido no século XXI.

### Num contexto em que a banca enfrenta profundas transformações, o modelo de proximidade continua a ser um fator diferenciador do Crédito Agrícola? De que forma essa proximidade se traduz no dia a dia da relação com clientes e associados?

Sem dúvida. E talvez nunca tenha sido tão diferenciador como agora. Vivemos num contexto em que a banca digital avança a grande velocidade, os balcões físicos fecham em todo o país – sobretudo nas zonas rurais e interiores – e as pessoas deparam-se com interfaces digitais que nem sempre conseguem substituir o contacto humano. Na nossa área social, muitos clientes são agricultores com mais de 60 anos, que fazem parte da instituição há décadas e que valorizam poder falar com alguém que os conhece pelo nome, que entende o que é gerir uma exploração agrícola. Quando um agricultor precisa de financiamento para a campanha de vindimas



3. CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA ESQ. PARA A DIR.: MANUEL FONSECA, FÁBIO ESPANHOL, ANTÓNIO CARDOSO, BRUNA CABRAL, FERNANDO PEREIRA



4. AGÊNCIA DE ARMAMAR

ou para investir num equipamento de rega, não pode esperar semanas por uma resposta de um call center. Essa capacidade de dar respostas rápidas, contextualizadas e humanizadas é o nosso principal fator de diferenciação, e também a razão pela qual continuamos a apostar na nossa rede de agências de proximidade nesta região.

**A região do Vale do Távora e Douro apresenta uma forte ligação ao sector agroalimentar. Que importância tem este sector na atividade da Caixa e no desenvolvimento da economia local?**

O sector agroalimentar é o coração da nossa atividade. Esta região tem um potencial agroalimentar extraordinário. O Douro é uma das mais antigas regiões demarcadas do mundo e os seus vinhos têm projeção internacional crescente. A produção de maçã de qualidade superior está também a ganhar reconhecimento dentro e fora de Portugal. A produção de azeite e castanha, impulsionadas pelos novos investimentos, é outra aposta promissora. Quando a Caixa financia uma adega cooperativa, apoia um jovem agricultor no investimento em novos pomares, ou apoia a modernização de uma pequena unidade de transformação de vinho, não está apenas a gerar negócio, está a contribuir para fixar pessoas no território, a preservar

**O Crédito Agrícola é, em muitos territórios, um verdadeiro fator de coesão**

paisagens e tradições, e a sustentar economias locais que de outra forma seriam abandonadas. Num território como o nosso, apoiar a agricultura é apoiar toda a comunidade.

**A Caixa tem também uma vertente social muito relevante através da Fundação da Caixa Agrícola do Vale do Távora e Douro. Que papel desempenha esta Fundação na comunidade e de que forma complementa a missão da própria Caixa?**

A Fundação é a expressão mais visível do nosso compromisso com o território para além da atividade financeira. Ela atua em áreas onde o mercado, por si só, não chega – no apoio a projetos educativos e de formação profissional na área agrícola, no patrocínio de iniciativas culturais que preservam o património desta região, no apoio a associações

locais e em ações de responsabilidade social dirigidas às populações mais vulneráveis. Este trabalho complementa perfeitamente a missão da Caixa, enquanto a instituição financeira garante o acesso ao crédito e a instrumentos financeiros que sustentam a atividade económica, a Fundação fortalece o tecido social e cultural sem o qual qualquer desenvolvimento económico perde significado.

**Quais são hoje as principais prioridades estratégicas da CCAM do Vale do Távora e Douro, num contexto marcado por exigências crescentes ao nível da regulação, da digitalização e da competitividade no sector financeiro?**

Temos três grandes prioridades estratégicas para os próximos anos. A primeira é a digitalização responsável, queremos modernizar os nossos serviços e oferecer ferramentas digitais que facilitem a vida dos clientes, sem abdicar do modelo de proximidade que nos distingue. Investir na aplicação móvel, no *homebanking* e na automatização de processos internos é essencial para sermos mais eficientes, mas isso nunca vai substituir os nossos balcões de proximidade nas localidades onde somos muitas vezes a única instituição financeira presente.

A segunda prioridade é o reforço da nossa capacidade de apoio ao sector agroalimentar, nomeadamente através de produtos financeiros adaptados à transição para práticas agrícolas mais sustentáveis – apoio ao regadio eficiente, à agricultura biológica, à certificação de qualidade.

A terceira é a solidez financeira, num quadro regulatório cada vez mais exigente, manter rácios robustos de capital e de solvabilidade é condição indispensável para podermos continuar a servir o território com qualidade e consistência.

**A Caixa mantém uma relação próxima com organizações do sector agroalimentar da sua área social. Que importância atribui às parcerias com outras organizações e que impacto têm estas ligações no desenvolvimento do território?**

As parcerias são fundamentais numa região como a nossa, onde o desenvolvimento só é possível com uma articulação eficaz entre cooperativas, associações, autarquias, escolas e outras entidades da economia social.

Posso dar um exemplo concreto: durante vários anos, a região foi fortemente afetada pela queda de granizo, que em alguns casos comprometia grande parte das colheitas de maçã. Foi então desenvolvido um projeto para instalação de torres anti-granizo, uma tecnologia inovadora de proteção das produções, ao qual a nossa Caixa aderiu, em colaboração com várias entidades da região.

A CCAM do Vale do Távora e Douro participou ativamente na viabilização e financiamento desse investimento, que representou um montante significativo, contribuindo para aumentar a proteção das explorações e a estabilidade da produção. Estas parcerias permitem-nos chegar mais eficazmente aos nossos clientes e às suas necessidades reais. Este é um bom exemplo de como a cooperação permite concretizar projetos estruturantes para o território. Numa região do interior, com recursos limitados, a cooperação não é apenas importante, é uma necessidade estratégica.

**Dada a importância do sector agroalimentar para a economia e para a coesão territorial, considera que este deve ser assumido como um desígnio nacional? E que papel podem as instituições financeiras, nomeadamente o Crédito Agrícola, desempenhar nessa estratégia?**

Sim, e diria que esta é uma das questões mais urgentes que Portugal tem pela frente. O sector agroalimentar faz parte do sector primário, não sendo apenas um sector económico como qualquer outro – é um fator estratégico de soberania alimentar, de coesão territorial e de sustentabilidade ambiental. Num país onde o interior perdeu população nas últimas décadas, ignorar o potencial da agricultura é agravar ainda mais os desequilíbrios territoriais que têm custos sociais muito elevados. O Crédito Agrícola pode desempenhar um papel central nesta estratégia, não apenas como financiador – disponibilizando linhas de crédito adaptadas aos ciclos produtivos e apoiando o acesso a fundos europeus – mas também como parceiro no acompanhamento dos investimentos, na ligação entre produtores e mercados, e na promoção de boas práticas de gestão. Mas para que isso aconteça plenamente, é importante que as políticas públicas e os reguladores reconheçam o modelo



5. AGÊNCIA DE MOIMENTA DA BEIRA

cooperativo de crédito como um instrumento estratégico de desenvolvimento rural. As Caixas de Crédito Agrícola são, em muitos territórios, um verdadeiro fator de coesão territorial.

**Como avalia a relação da CCAM do Vale do Távora e Douro com a CONFAGRI e que importância atribui ao papel da Confederação na representação do sector agroalimentar?**

A relação com a CONFAGRI é positiva e estrategicamente relevante. Estar integrados nesta estrutura de representação nacional permite-nos participar num debate mais amplo sobre o futuro do sector agroalimentar e do cooperativismo em Portugal, partilhar experiências e contribuir coletivamente para a defesa de políticas que beneficiem os agricultores e as regiões rurais. A CONFAGRI desempenha um papel insubstituível junto das instâncias nacionais e europeias, onde são tomadas decisões que afetam diretamente o dia a dia dos agricultores. A negociação da PAC, as condições de acesso ao PEPAC, as questões ligadas à regulação ambiental, são temas que exigem uma voz coletiva e organizada. A Revista Espaço Rural é, aliás, um bom exemplo dessa capacidade de dar visibilidade ao sector e de promover um debate informado e construtivo sobre os desafios da agricultura portuguesa.

**Para terminar, que mensagem gostaria de deixar aos associados, clientes e à comunidade, neste ano simbólico em que se celebram os 100 anos da instituição?**

**Financiar a agricultura é investir no território e nas pessoas**

Em primeiro lugar, uma palavra de profundo agradecimento. Cem anos são o resultado do trabalho e da confiança de muitas gerações de associados, clientes, colaboradores e dirigentes que acreditaram nesta instituição e neste território. Sem esse compromisso coletivo não estaríamos aqui.

Este centenário não é um ponto de chegada, é uma plataforma de lançamento. O Vale do Távora e Douro tem um potencial imenso: uma paisagem de valor patrimonial único, uma agricultura de qualidade reconhecida internacionalmente, comunidades com uma identidade cultural forte. A Caixa quer continuar a ser o parceiro financeiro de referência para todos os que investem e trabalham neste território – para os agricultores que modernizam as suas explorações, para os jovens que regressam ou que querem começar aqui a sua vida profissional, para as empresas que investem na transformação e na exportação dos nossos produtos. O nosso compromisso é claro: estaremos aqui, próximos, atentos e disponíveis, como estivemos nos últimos 100 anos. E continuaremos a trabalhar para que o próximo centenário seja ainda melhor para todos. ●

## RESULTADOS DO PROJETO BESTCOOPMED PARTE I

### ESTUDOS DE CASO PARA IDENTIFICAÇÃO DE BOAS PRÁTICAS NAS COOPERATIVAS AGRÍCOLAS MEDITERRÂNICAS



#### TEXTO

MÁRIO PEDRO FERREIRA<sup>1</sup>, MIGUEL SOTTOMAYOR<sup>2</sup> E ALDINA FERNANDES<sup>3</sup>

<sup>1</sup> FENADEGAS

<sup>1</sup> Professor Associado da Faculdade de Economia e Gestão da Universidade Católica Portuguesa (UCP) e membro do Centro de Estudos de Gestão e de Economia Aplicada da UCP; <sup>2</sup> Engenheira Agrónoma, Secretária Geral Adjunta da CONFAGRI; <sup>3</sup> Professor Auxiliar da Faculdade de Economia e Gestão da Universidade Católica Portuguesa (UCP) e membro do Centro de Estudos de Gestão e de Economia Aplicada da UCP

Com este artigo iniciamos uma série de três textos destinados a publicar no Espaço Rural os principais resultados do Projeto BestCooPMed<sup>1</sup> — Excelência da Organização da Produção em Cooperativas Agroalimentares na Europa Mediterrânica. No presente número apresentam-se os estudos de caso para identificação de boas práticas em cooperativas agrícolas mediterrânicas<sup>2</sup>, cuja análise detalhada constará de um relatório específico a disponibilizar brevemente pela CONFAGRI (Ferreira et al. 2026). Esta componente teve como objetivo analisar, sistematizar e comparar modelos organizacionais, estra-

tégias de gestão e práticas operacionais adotadas por cooperativas agrícolas de diferentes países mediterrânicos (Portugal, França, Espanha e Itália) e de vários sectores (vinho, hortícolas, fruta, azeite, leite, carne de bovino, mel e cooperativas não especializadas), com vista à identificação de fatores críticos de sucesso replicáveis (“boas práticas”). Esta atividade procurou ainda aprofundar o conhecimento sobre o papel das cooperativas na promoção da sustentabilidade económica, social e ambiental dos territórios rurais, através da recolha e análise de estudos de caso representativos.

A metodologia adotada neste estudo assentou, em primeiro lugar, num enquadramento teórico sólido, sustentado na teoria das organizações e na abordagem baseada nos recursos - modelo VRIO (Barney, 1991), que permite perspetivar as cooperativas agrícolas enquanto organizações formais dotadas de estruturas, processos, cultura e capacidades estratégicas próprias. Neste contexto, o conceito de “boas práticas” é entendido como o conjunto de métodos e processos organizacionais validados empiricamente, capazes de gerar resultados consistentes, eficientes e replicáveis. A análise teórica estabelece ainda a ligação entre boas práticas e vantagem competitiva sustentada, defendendo que estas práticas funcionam como rotinas organizacionais que transformam recursos tangíveis e, sobretudo, intangíveis em competências diferenciadoras, reforçando a eficiência, a inovação e a competitividade das cooperativas.

Do ponto de vista metodológico, o estudo adotou uma abordagem qualitativa para analisar as cooperativas agrícolas como fenómenos organizacionais complexos, multidimensionais e fortemente dependentes do contexto. A estratégia central de investigação foi o estudo de caso, adotando a estrutura conceptual proposta por Yin (2014), que permite responder a questões analíticas do tipo “o quê”, “como” e “porquê”. A investigação seguiu uma lógica de casos múltiplos e implicou a realização de entrevistas semiestruturadas em cooperativas de vários sectores agrícolas e diferentes países mediterrânicos. Cada cooperativa foi analisada através de 10 eixos estratégicos definidos dentro de um enquadramento político determinado pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU (ODS's) e pela Agenda “Terra Futura” e Agenda de Investigação e Inovação (Agenda RE-C=5-i03), nomeadamente: a governação, sustentabilidade financeira, enquadramento público-legal, inovação, apoio aos agricultores, entre outros.

Numa primeira análise da realidade agrícola de cada país, e tal como se pode verificar na tabela 1, Portugal e Itália partilham desafios estruturais semelhantes: pequenas explorações, envelhecimento acentuado da população agrícola, baixa presença de jovens e dirigentes com formação limitada. França destaca-se pela maior dimensão média das explorações e maior qualificação dos dirigentes, enquanto Espanha apresenta indicadores intermédios, mas também enfrenta desafios de renovação geracional e

**TABELA 1** Indicadores de comparação entre os quatro países e a média da UE-27

INDICADOR	PORTUGAL	ESPAÑA	FRANÇA	ITÁLIA	UE-27
Dimensão média das explorações (ha)	13,7	26,1	69,6	10,7	17,1
Emprego do sector no emprego total	2,6%	3,4%	2,3%	3,3%	3,2%
VAB do sector no PIB	2,0%	2,5%	1,4%	2,0%	1,6%
Produção vegetal no total da produção agrícola	62%	55%	55%	59%	53%
Mão de obra agrícola feminina	27%	26%	19%	24%	24%
Mão de obra agrícola <40 anos	7,8%	13,2%	21,1%	14,1%	15,7%
Mão de obra agrícola com mais de 64 anos	44,0%	24,6%	7,3%	30,6%	21,0%
Dirigentes agrícolas femininas	27%	25%	19%	25%	24%
Dirigentes agrícolas <40 anos	6,5%	14,6%	17,8%	14,0%	15,5%
Dirigentes agrícolas com mais de 64 anos	49,6%	23,8%	9,8%	32,1%	22,6%
Dirigentes com apenas experiência prática	33%	62%	16%	47%	38%

**TABELA 2** Comparativo entre países com base numa seleção de vetores

	PORTUGAL	ESPAÑA	FRANÇA	ITÁLIA
Evolução nº Cooperativas	<b>Forte Queda</b> Pequenas Estruturas	<b>Queda Moderada</b> Fusões Estratégicas	<b>Queda Moderada</b> Consolidação Sectorial	<b>Concentração + Renovação</b> Novas Cooperativas
Volume de Negócios	<b>Estagnação</b> Mercado Local	<b>Forte Crescimento</b> Exportações	<b>Crescimento Moderado</b> Fileiras Especializadas	<b>Cresce nas Maiores</b> Marcas Cooperativas
Dinamismo Estrutural	<b>Reestruturação</b> Defensiva	Modernização Estratégica	Concentração e Especialização	<b>Renovação Competitiva</b> Inovação Organizacional
Integração Agroindustrial	<b>Limitada</b> Produção Primária	<b>Muito Forte</b> Cadeias Integradas	<b>Forte</b> Sectores-Chave	<b>Forte e Diversificada</b> Multi-Fileira
Peso no Sector Agrícola	<b>Em Queda</b> (Importância Territorial)	<b>Muito Elevado</b> (Liderança Cooperativa)	<b>Elevado em</b> Fileiras Específicas	<b>Elevado</b> Regionalmente
Potencial de Crescimento	<b>Moderado</b> Necessidade de Modernização	<b>Muito Elevado</b> Escala e Internacionalização	<b>Estável</b> Modelo Consolidado	<b>Elevado</b> Adaptável e Inovador

qualificação. O sector agrícola português, em particular, enfrenta riscos acrescidos de sustentabilidade e competitividade, exigindo políticas robustas de apoio à renovação geracional, qualificação e modernização das explorações.

Já a nível sectorial, a caracterização evidencia diferenças marcantes entre os países analisados nas várias fileiras estudadas, destacando-se padrões como a liderança espanhola em volume produtivo, o posicionamento *premium* de França, a especialização técnica e regional de Itália e a crescente eficiência de Portugal em áreas específicas (como a produtividade do azeite e de frutos de elevado valor). Observa-se uma tendência transversal de intensificação produtiva, aumento da dimensão económica das explorações e forte assimetria regional dentro de cada país. A evolução temporal (2013–2023) revela também crescimentos expressivos na produção média por exploração, consolidação de estruturas produtivas e valorização dos preços agrícolas.

Já no âmbito do cooperativismo agrícola no

Sul da Europa, a Tabela 2 evidencia que se assiste a um processo de transformação estrutural profundo, evoluindo progressivamente de organizações locais de base essencialmente produtiva para entidades empresariais mais profissionalizadas, integradas e orientadas para o mercado. Apesar de se verificar uma tendência transversal de redução do número de cooperativas, este fenómeno não traduz necessariamente fragilidade institucional, mas antes processos de concentração, especialização e reorganização estratégica destinados a reforçar escala económica e competitividade. Neste contexto, Espanha, França e Itália demonstram maior dinamismo estrutural, crescimento do volume de negócios e forte integração agroindustrial, enquanto Portugal apresenta um percurso mais marcado por ajustamentos defensivos e dificuldades de modernização, refletindo limitações ao nível da capitalização, da dimensão empresarial e da integração nas cadeias de valor agroalimentares. No global, e depois da análise de todos os estudos de caso, verifica-se que as

**FIGURA 1** Sistematização das principais conclusões e recomendações



questões sectoriais, embora relevantes, não explicam de forma isolada o desempenho das cooperativas; os padrões estruturais de organização (*governance*, sustentabilidade financeira, inovação e valorização) são mais determinantes do que o sector agrícola em que operam. As maiores diferenças entre cooperativas portuguesas e as suas congéneres de Espanha, França e Itália são estruturais e sistémicas, não conjunturais. Em Portugal, observam-se modelos de governação mais personalistas, menor separação entre direcção estratégica e gestão, fraca capitalização, serviços aos agricultores menos integrados e menor presença em estratégias coletivas de valorização (marcas, certificações, internacionalização). Nos países mediterrânicos mais avançados predominam estruturas profissionalizadas, intercooperação robusta, *reporting* sistemático e planeamento estratégico de longo prazo, o que gera ciclos virtuosos de desempenho e inovação. Assim, o *benchmarking* internacional revela um conjunto de boas práticas internacionais consolidadas, como consórcios intercooperativos, certificações coletivas (DOP/IGP), integração vertical, liderança profissionalizada, contabilidade analítica avançada, redes de inovação e plataformas de internacionalização. Práticas que, pela sua institucionalização, asseguram consistência operacional e elevada capacidade de criação de valor. Em Portugal, embora existam boas práticas relevantes, como

proximidade ao produtor, conhecimento territorial, marcas próprias em cooperativas específicas, integração vertical (ex.: leite) e capacitação técnica no terreno, estas permanecem dispersas, dependentes de pessoas e pouco formalizadas, o que limita o seu impacto estrutural. As cooperativas nacionais distinguem-se pela proximidade relacional, resiliência e capacidade de resposta operacional, vantagens competitivas importantes em contextos locais e de coesão territorial, mas insuficientes quando não acompanhadas por escala, profissionalização e cooperação avançada. Adicionalmente, a aplicação do modelo VRIO demonstra que apenas uma parte das boas práticas observadas constitui fonte de vantagem competitiva sustentada, sobretudo as associadas a recursos organizacionais difíceis de imitar: estruturas intercooperativas, certificações coletivas, marcas territoriais fortes, redes de inovação e sistemas de governação profissionalizada. Em Portugal, muitas práticas são valiosas, mas não são raras, nem difíceis de imitar, nem plenamente organizadas, pelo que resultam em vantagens temporárias ou subaproveitadas. Os principais bloqueios à consolidação de vantagens sustentadas são a baixa institucionalização, a fragmentação organizacional, limitação de escala, governação personalista e dependência excessiva de financiamento público de curto prazo. Superá-los exige transformar práticas pontuais em sistemas robustos,

articulados e replicáveis, capazes de garantir continuidade e aprendizagem organizacional.

As conclusões do estudo, tal como se pode ver na figura 1, apontam para a necessidade de uma transformação sistémica, estrutural e incremental de médio e longo prazo para o sector articulando Cooperativas, CONFAGRI e Estado. Para as Cooperativas, recomenda-se profissionalização da gestão, separação clara entre governação e operação, reforço da capitalização interna, adoção de instrumentos de gestão avançados, criação de marcas coletivas, digitalização, estratégias de inovação e desenvolvimento de serviços integrados aos agricultores. A CONFAGRI deve assumir um papel líderante na coordenação sectorial, promovendo estruturas de 2.º grau, plataformas nacionais de comercialização, programas de formação e inovação cooperativa, bem como reforçando a representação institucional nacional e europeia. O Estado deve priorizar políticas que estimulem organização, profissionalização e cooperação, e não apenas financiamento pontual, criando instrumentos financeiros específicos, incentivos fiscais, programas de inovação e internacionalização, digitalização e renovação geracional. O caminho futuro exige um alinhamento estratégico tripartido que transforme potencial em vantagem competitiva sustentada e coloque o cooperativismo português num patamar comparável aos seus pares mediterrânicos. ●

**BIBLIOGRAFIA:**

Barney, J. (1991). Firm resources and sustained competitive advantage. *Journal of Management*, 17(1), 99-120.

Ferreira, Mário Pedro, Filipa Mota, Francisco Rebelo, Ana Madsen, Miguel Sottomayor e Aldina Fernandes (2026). Relatório Final Projeto BestCoopMed - Excelência da Organização da Produção em Cooperativas Agroalimentares na Europa Mediterrânica: Parte I - Estudos de caso para identificação de boas práticas nas cooperativas agrícolas mediterrânicas. Porto, CEGEA-UCP.

Yin, R. (2014). *Case Study Research: Design and Methods* (5ª ed.). Sage Publications.

**NOTAS:**

- 1 Projeto financiado pelo PRR-Plano de Recuperação e Resiliência, no âmbito da Linha de Ação 10.5 (Inovação Organizacional). No que se refere à componente do estudo abordada no presente artigo.
- 2 Instituições envolvidas nesta componente do Projeto BestCoopMed: UCP-CEGEA, CONFAGRI, ACS, CAB, CABB, CAE, CAPEMEL, CAPOLIB (parceiros) e AGROS e UCANORTEXXI (colaborações).

# 42ª OVI3EJA

Todo o alentejo deste mundo

29 DE ABRIL  
**VIZINHOS**

DJ JOÃO  
MELGUEIRA



1 DE MAIO  
**MARIZA**  
DJ DIEGO  
MIRANDA



[www.ovibeja.pt](http://www.ovibeja.pt)



30 DE ABRIL  
**NININHO**  
**VAZ MAIA**

DJ ANA ISABEL  
ARROJA **RADIO**  
**COMERCIAL**



2 DE MAIO  
**KURA**  
**ÁTOA**  
goldcobra



ACCS  
AGRICULTORES  
DO SUL

# COOPERATIVA AGRÍCOLA DE MACEDO DE CAVALEIROS CELEBRA 65º ANIVERSÁRIO

TEXTO

PATRICIA FALCÃO DUARTE

CONFAGRI



1. PAINEL DE ORADORES QUE CONTOU COM A INTERVENÇÃO DO PRESIDENTE DA CONFAGRI, IDALINO LEÃO



2. DESCERRAMENTO DA PLACA COMEMORATIVA DO 65º ANIVERSÁRIO DA COOPERATIVA

A Cooperativa Agrícola de Macedo de Cavaleiros comemorou o seu 65º aniversário no dia 27 de fevereiro. Para assinalar a data foi organizado um Seminário no Centro Cultural dedicado ao debate sobre o futuro da olivicultura em Trás-os-Montes, que contou com a presença de vários dirigentes cooperativos e sócios da cooperativa.

A sessão de abertura contou com a presença de Luís Rodrigues, Presidente do Conselho de Administração da Cooperativa Agrícola de Macedo de Cavaleiros, que destacou a distinção atribuída pelo IAPMEI, à Cooperativa, como PME Líder em 2025, bem como a classificação “Excelente” no Índice de Desempenho e Solidez Financeira (IDS), atribuída pela Scoring, Lda., que comprova uma

sustentabilidade financeira alcançada por apenas 5% das PME nacionais. A sessão de abertura contou ainda com a intervenção de André Vaz, Presidente da Assembleia Geral da Cooperativa e de Leonardo Vila Franca, Vereador do Município de Macedo de Cavaleiros.

O seminário incluiu uma mesa redonda com a participação de Idalino Leão, Presidente da CONFAGRI, Carlos Barroso, Chefe de Divisão de Investimentos da CCDD-Norte, Fernando Vieira, Presidente da Assembleia Geral da Cooperativa de Olivicultores de Valpaços, Luís Jerónimo, Presidente da Cooperativa Agrícola de Alfândega da Fé e Hélder Teixeira, Presidente da Cooperativa Agrícola dos Olivicultores de Vila Flor e Ansiães. A mesa-redonda foi moderada pela Secretária-Geral da FENAZEITES – Federação Nacional das Cooperativas de Olivicultores FCRL, Patrícia Falcão.

Entre as principais conclusões, destacou-se a necessidade de valorizar o azeite e continuar a investir na modernização do sector em todas as suas vertentes. A sessão de encerramento iniciou-se com a intervenção de Idalino Leão, Presidente da CONFAGRI, que sublinhou a importância das cantinas escolares optarem por produtos cooperativos, destacou o valor da Dieta Mediterrânica e defendeu uma maior aproximação entre o sector agrícola e profissionais de saúde, como médicos e nutricionistas. Finalizou a sua intervenção frisando que as Cooperativas são pessoas e território que temos de acautelar e preservar.

Seguiu-se a intervenção de Leonardo Vila Franca, Vereador do Município de Macedo de Cavaleiros, tendo a sessão terminado com a intervenção de Luís Rodrigues, Presidente do Conselho de Administração da Cooperativa Agrícola de Macedo de Cavaleiros.

O evento foi concluído nas instalações da Cooperativa Agrícola de Macedo de Cavaleiros onde foi descerrada uma placa comemorativa da efeméride a que se seguiu um almoço convívio. ●

# UM OLHAR ATENTO DA CONFAGRI SOBRE A RENOVAÇÃO GERACIONAL DO SECTOR COOPERATIVO AGRÍCOLA PORTUGUÊS

TEXTO

CÁTIA PINTO, PATRÍCIA CARVALHO,  
GASPAR COELHO, DOMINGOS GODINHO

CONFAGRI

O desenvolvimento tecnológico tem proporcionado ao sector agrícola avanços significativos em tempo recorde, colocando à disposição dos produtores agrícolas equipamentos e ferramentas de ponta que antes eram apenas conhecidos noutros sectores, como o sector automóvel ou da saúde. Atualmente, a agricultura de precisão e agricultura digital fazem parte do quotidiano agrícola, ainda que a sua implementação ocorra a diferentes ritmos e reflita distintas realidades locais.

Muitos defendem que a inovação tecnológica constitui um dos principais fatores de atração e fixação de jovens no sector agrícola. Embora desempenhe um papel relevante, a tecnologia, por si só, não é suficiente! Bem pelo contrário: a renovação geracional no sector cooperativo agrícola português é um desafio estrutural e, sem ela, não existem garantias de continuidade e sustentabilidade do sector.

Com este propósito, a CONFAGRI encontra-se a dinamizar um grupo de trabalho dedicado à promoção da renovação geracional no sector agroalimentar português. Neste contexto, considera essencial auscultar cooperativas agrícolas, produtores e jovens estudantes do ensino profissional e universitário, em diferentes regiões e áreas de atividade, bem como estabelecer parcerias com entidades internacionais para a partilha de experiências, perceções e boas práticas. A aprendizagem entre pares assume um papel fundamental, não só para identificar tendências e soluções inovadoras, mas



1. INTERVENÇÃO DE PATRÍCIA CARVALHO, TÉCNICA DA CONFAGRI

também para compreender os principais desafios (“dores”) associados ao processo de renovação geracional, bem como evitar erros já identificados noutros contextos. Foi com este intuito que o Departamento de Sustentabilidade, Inovação e Qualidade da CONFAGRI organizou a primeira ação de trabalho, reunindo técnicos de cooperativas agroalimentares de Portugal e Espanha. A iniciativa, intitulada “Promoção de um grupo de trabalho para a renovação geracional do sector agroalimentar português”, decorreu no âmbito do projeto Agrosocial – Interreg POCTEP, durante o Encontro Nacional de Técnicos da CONFAGRI. Não podemos deixar de salientar o excelente contributo da Federação das Cooperativas Agrícolas da Extremadura, de Espanha, que na pessoa do seu responsável pela inovação, António Silva, nos deu o seu testemunho sobre o trabalho da Federação na promoção da renovação geracional, bem como da Federação das Cooperativas Agrícolas da Andaluzia de Espanha, que deram o seu testemunho online. Finalmente, Carlos Miranda, Presidente da Cooperativa Agrícola de Barcelos, apresentou o trabalho da cooperativa no apoio à instalação de jovens agricultores, um trabalho inspirador para as restantes cooperativas. Coube a Patrícia Carvalho, técnica da CONFAGRI a apresentação do trabalho que vem sendo desenvolvido pela CONFAGRI no apoio aos jovens agricultores. ●

Poderão consultar mais informação sobre o Projeto Agrosocial em <https://campus.agrosocial.eu/>



2. INTERVENÇÃO DE CARLOS MIRANDA, PRESIDENTE DA COOPERATIVA AGRÍCOLA DE BARCELOS

## 42ª OVIBEJA PROJETA O MELHOR QUE SE FAZ NA ATIVIDADE AGROPECUÁRIA DO INTERIOR DO PAÍS

“Vinho à Prova” é o tema principal da 42ª Ovibeja a decorrer de 29 de abril a 3 de maio. Esta temática conjuga-se e reforça as iniciativas do Baixo Alentejo como Cidade Europeia do Vinho que abrangem todo o universo ligado a esta área de produção, transformação e consumo, à cultura, ao património, à gastronomia e à identidade da região. Este é um dos muitos produtos agroalimentares de qualidade de excelência que se projetam na Ovibeja, para venda, prova, *showcookings*, em restaurantes, de que se destaca o Solar da Campaniça que promove a qualidade da carne desta raça autóctone criada em extensivo. O Azeite é outro dos produtos agroalimentares de excelência, que é também valorizado através do único concurso internacional de Azeite Virgem Extra existente em Portugal, promovido pela ACOS, em parceria com a Casa do Azeite e patrocinado em exclusivo pelo Crédito Agrícola.

Feira agrícola, de carácter generalista, a Ovibeja é uma potente plataforma de investimento e projeção das empresas participantes, ao mesmo tempo que assume um importante carácter reivindicativo no que diz respeito aos principais temas da atualidade agrícola e da região.

Com mais de 100 mil visitantes e a presença de grande parte dos membros do governo e dos partidos políticos e de deputados ao Parlamento Europeu, a Ovibeja potencia a sua mediatização para transmitir preocupações e propostas de soluções relacionadas com a atividade agropecuária e o desenvolvimento da região.

A edição deste ano vai ter as Terras de Trás-os-Montes como região convidada. A sua participação é feita através da Comunidade Intermunicipal (CIM-TTM),



que representa nove concelhos e que vive uma realidade idêntica à do Baixo Alentejo, relacionada com os desafios da interioridade que carecem de uma maior atenção por parte das instâncias governativas.

O Pavilhão da Pecuária, um dos mais visitados desde a génese da Ovibeja, reforça este ano a mostra de raças autóctones. Às raças do sul e Alentejo como as ovinas Campaniça e Merinas, as cabras Serpentinhas, os porcos raça Alentejana, os bovinos de raça Mertolenga, Alentejana, Garvonesa, juntam-se o burro de Miranda, ovinos de raça Churra e Churra Galega Bragançana, Churra da Terra Quente, caprinos Raça Serrana, Suínos Raça Bísara e Bovinos Raça Mirandesa. Também na pecuária a Ovibeja projeta a diversidade de um

património de excelência, a riqueza e a resiliência das raças autóctones.

Com uma forte componente empresarial e de investimento por parte dos expositores e seus clientes, a Ovibeja projeta também inúmeras atividades dirigidas a todas as faixas etárias. A entrada na 42ª Ovibeja confere a possibilidade de várias experiências que apelam a todos os sentidos. Além do vinho, o evento proporciona igualmente, ao longo dos vários dias da feira, provas comentadas de azeites do mundo, os melhores de diferentes países produtores que concorrem à edição deste ano do Concurso Internacional de Azeite Virgem Extra – Prémio CA Ovibeja.

A organização da Ovibeja é da ACOS – Associação de Agricultores do Sul, sediada em Beja. ●

## TECNOLOGIAS INOVADORAS E DIGITAIS NAS CULTURAS PERMANENTES

TEXTO

CÁTIA PINTO, DOMINGOS GODINHO

CONFAGRI

**D**urante o Encontro Nacional de Técnicos da CONFAGRI, o Departamento de Sustentabilidade, Inovação e Qualidade, organizou uma sessão paralela dedicada à apresentação do projeto TID4AGRO, um projeto transfronteiriço financiado no âmbito do programa Interreg POCTEP, e que tem como objetivo promover a transformação digital no sector agroalimentar.

Nesta sessão, que contou com a participação de mais de 50 técnicos e especialistas do sector, foram apresentadas algumas tecnologias digitais já aplicadas no terreno, com enfoque nas culturas permanentes, como o olival e a vinha. Entre as soluções, foram apresentadas: a) sistemas de monitorização das condições agroclimáticas e de pragas, baseados em sensores e estações meteorológicas inteligentes e de custo acessível, que permitem recolher dados em tempo real, b) ferramentas de digitalização aplicadas ao lagar e à adega; e c) uso de dados para a certificação da origem do vinho, reforçando a transparência e a confiança junto dos consumidores. Para as apresentações contamos com a presença de Maria Mercedes Pacheco Rodrigues do CICYTEX e de Daniel

Cortés Investigador, CICYTEX. Foi um excelente contributo a presença dos representantes deste organismo científico e tecnológico da Junta da Extremadura de Espanha e do DATACOLAB.

Destaca-se ainda a apresentação de três exemplos, práticos da integração da digitalização no olival. Por um lado, em ambiente de investigação e desenvolvimento, como é o caso do Polo de Inovação de Elvas do INIAV, onde estas tecnologias assumem um papel importante na gestão das diferentes variedades de oliveira. Por outro lado, ao nível operacional, com a aplicação destas ferramentas em cooperativas agrícolas, nomeadamente na Cooperativa Agrícola de Beja e Brinches, onde são utilizadas para monitorização das parcelas e apoio à gestão agronómica e aumento da eficiência produtiva. Também salientamos o excelente contributo da Livia Pian do SFCOLAB, que apresentou as lições aprendidas no projeto DigiFarm2all.

Efetivamente, as tecnologias digitais são ferramentas essenciais de apoio à tomada de decisão informada e baseada em evidências (dados) para uma gestão mais precisa das culturas. Contudo, importa salientar que, apesar do seu elevado potencial, estas tecnologias não substituem o conhecimento e a experiência do técnico e produtor agrícola. A decisão final deverá ser sempre humana, assente numa análise crítica dos dados e adaptada às especificidades de cada exploração e contexto produtivo, e combinando a inovação tecnológica e o conhecimento técnico. ●



1. UMA DAS APRESENTAÇÕES DO EVENTO

## EVENTO “DIGITALIZAÇÃO DA VINHA À ADEGA”, REALIZADO NO PORTO



1. UMA DAS APRESENTAÇÕES DO EVENTO

**N**o âmbito do projeto SFT-EDIH, realizamos no dia 15 de janeiro no Porto, na sede da SGS um evento sobre digitalização no sector vitivinícola, intitulado, “Digitalização: da vinha à adega”.

Numa sala cheia, estiveram como oradores António Graça, Head of Research and Development da SOGRAPE, Ana Gonçalves, Data Chief Product Officer do Data CoLAB, Miguel Cachão, da AVIP e António Mendes, Presidente da FENADEGAS e da Adega Cooperativa de Mangualde.

A inovação e a digitalização estiveram em destaque ao longo do evento, tendo suscitado grande interesse em todos os presentes.

O evento foi organizado pela CONFAGRI, COTEC, SGS, ADVID, APED E FIPA, reunindo representantes de todo o sector, da produção a distribuição numa missão que cumpriu plenamente os seus objetivos e que pelas várias questões colocadas aos oradores, evidenciaram o interesse e a relevância do tema. ●

PRIMEIRO ANO DA NOVA LICENÇA TRAZ NOVOS FLUXOS E UM PERÍODO DE ADAPTAÇÃO PARA O SETOR

## VALORFITO RECOLHE 737 TONELADAS DE RESÍDUOS E RETIRA 636 TONELADAS DE CO2 NO PRIMEIRO ANO DA NOVA LICENÇA

- Valorfito recolheu 737,034 toneladas de resíduos de embalagens em 2025, um crescimento de 26,9% face ao ano anterior
- Foram declaradas ao sistema 3.236,273 toneladas de embalagens
- Taxa global de retoma fixou-se nos 22,8%
- Primeiro ano da nova licença trouxe novos fluxos de embalagens para o sistema, alargando significativamente o universo de resíduos abrangidos
- O encaminhamento dos resíduos de embalagem para reciclagem e valorização preveniu a emissão de 636,2 t de CO2 eq. para a atmosfera



A atividade em 2025 do sistema Valorfito registou um crescimento significativo nas quantidades recolhidas de resíduos de embalagens agrícolas, alcançando um total de 737,034 toneladas, o que representa um aumento de 26,9% face a 2024.

No mesmo período foram declaradas ao sistema 3.236,273 toneladas de embalagens, valor que reflete o alargamento do âmbito de atuação do Valorfito.

Desde o início de 2025, o sistema Valorfito passou a integrar novos fluxos de embalagens, nomeadamente:

- embalagens secundárias dos fluxos anteriormente abrangidos,
- embalagens primárias e secundárias de fertilizantes,
- embalagens primárias e secundárias de rações,
- embalagens primárias e secundárias de batata de semente.

Este alargamento representa um passo importante na consolidação de um sistema

mais abrangente de gestão de resíduos na agricultura, mas implica também um período natural de adaptação por parte de todos os intervenientes.

O sistema está, ainda, numa fase de arranque e consolidação, na qual tanto o Valorfito como os agricultores, distribuidores e Pontos de Retoma se encontram em processo de adaptação às novas tipologias de resíduos e aos novos procedimentos de recolha.

Durante este período, o Valorfito tem vindo a trabalhar no reforço da rede operacional, na sensibilização dos utilizadores e na divulgação das novas regras e fluxos abrangidos, com o objetivo de garantir que todos os intervenientes do setor estejam devidamente informados e preparados para contribuir para o correto encaminhamento destes resíduos.

À medida que o sistema se consolide e que o setor se familiarize com os novos fluxos e procedimentos, será possível aumentar progressivamente as quantidades recolhidas e melhorar as taxas de retoma nos próximos anos.

**“2025 foi um ano de transformação para o Valorfito. O alargamento do sistema a novos fluxos representa um passo decisivo para uma gestão mais abrangente e responsável dos resíduos gerados na atividade agrícola. Como é natural num primeiro ano de implementação, todo o setor está ainda numa fase de adaptação — desde os agricultores aos Pontos de Retoma — mas os resultados já demonstram o espaço de crescimento do sistema. O nosso foco agora é continuar a reforçar a proximidade com os profissionais no terreno e consolidar este novo ciclo, para que possamos aumentar progressivamente as taxas de retoma nos próximos anos”.**

António Lopes Dias,  
Director-Geral do Valorfito

O Valorfito agradece a todos os intervenientes no processo de recolha e tratamento pelo seu esforço, profissionalismo, sentido de responsabilidade, empenho, voluntarismo e resiliência, mantendo o plano e objetivo de atingir no final deste ano as metas de taxa de retoma. ●

O SISTEMA VALORFITO, designação do Sistema Integrado de Gestão de Embalagens e Resíduos em Agricultura, tem como objetivo a recolha e gestão dos resíduos de embalagens primárias de produtos fitofarmacêuticos, biocidas e sementes de uso profissional, seguindo as exigências do Despacho n.º 6560/2017, de 28 de julho. Este sistema permite dar resposta às necessidades dos produtores agrícolas de encontrarem um destino adequado para os resíduos de embalagens de produtos fitofarmacêuticos e de sementes, que são gerados nas suas explorações agrícolas, assegurando que toda a fileira agrícola possa cumprir a legislação em matéria da gestão dos resíduos de embalagens primárias de produtos fitofarmacêuticos e de sementes. No ramo dos biocidas, permite, igualmente, aos utilizadores finais uma gestão adequada dos resíduos de embalagens primárias de biocidas. Saiba mais em [www.valorfito.com](http://www.valorfito.com)

## MAIS UMA IMPORTANTE CONQUISTA PARA O PROJETO DIGIFARM2ALL

TEXTO

CÁTIA PINTO, DOMINGOS GODINHO

CONFAGRI

O projeto *DigiFarm2all*: Sustentabilidade e Democratização da Agricultura 4.0, foi distinguido recentemente no âmbito do Prémio António Sérgio 2025 (PAS25) da CASES, com uma Menção Honrosa na Categoria de Inovação e Sustentabilidade.

O projeto *DigiFarm2all*, um projeto financiado pelo PRR, nasceu com o objetivo muito prático de promover a democratização tecnológica, através da implementação no terreno de 17 pilotos tecnológicos/ demonstradores de custo acessível para a monitorização das condições agroclimáticas, e da literacia digital através da formação de técnicos agrícolas e produtores direcionada ao uso de dados para a gestão das culturas (fitossanidade, rega e fertilização). O *DigiFarm2all*, que atingiu o seu término em dezembro de 2025, reuniu 20 parceiros ao longo de 3 anos, dos quais destacamos o coordenador (SFCOLAB), a CONFAGRI, e 6 Cooperativas Agrícolas (Adega Cooperativa de Cantanhede, Adega Cooperativa de São Mamede da Ventosa, Cooperativa Agrícola de Beja e Brinches, Cooperativa Agrícola dos Olivicultores do Fundão, Terras de Felgueiras - Caves de Felgueiras e Cooperativa Agrícola A Esperança de Moncarapacho). Todos estes parceiros, através dos seus produtores associados, contam atualmente com um demonstrador nas suas explorações agrícolas para apoio à tomada de decisão. ●



1. CÁTIA PINTO, TÉCNICA DA CONFAGRI, RECEBE O PRÉMIO EM REPRESENTAÇÃO DO PROJETO DIGIFARM2ALL

CA Seguros **Distinção**

# 8 anos de liderança não acontecem por acaso



O BECX é uma referência nacional na avaliação da experiência do cliente e premeia as organizações que mais se distinguem na oferta de uma experiência de excelência.

CRÉDITO AGRÍCOLA SEGUROS  
COMPANHIA DE SEGUROS DE RAMOS REAIS, S.A.  
Rua de Campolide, 372 - 3º Dt.º • 1070-040 Lisboa  
E-mail: geral@ca-seguros.pt  
Capital Social: 18.000.000 € • M.C.R.C. de Lisboa e  
Pessoa Coletiva nº 503 384 089 • Registo ASF 1122

f App CA Seguros | CA Online | WhatsApp 963 806 000

Para mais informações: [ca-seguros.pt](http://ca-seguros.pt) | 213 806 000 Atendimento personalizado, das 09:30 às 17:30



# REVELADOS OS VENCEDORES DA 12.ª EDIÇÃO DO PRÉMIO EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO CRÉDITO AGRÍCOLA

O Crédito Agrícola revelou os vencedores da 12.ª edição do Prémio Empreendedorismo e Inovação, numa cerimónia realizada no Pavilhão de Portugal, em Lisboa, que reuniu representantes do sector agrícola, científico e institucional. A CONFAGRI integrou o júri do concurso e marcou presença na cerimónia de entrega de prémios.

Esta iniciativa tem como objetivo distinguir projetos inovadores nos sectores agrícola, agroalimentar e florestal, promovendo a competitividade, a modernização e a transição para modelos de produção mais sustentáveis.

Sérgio Raposo Frade, Presidente do Grupo Crédito Agrícola, sublinhou que “ao longo de 12 edições, este Prémio consolidou-se como uma verdadeira plataforma de valorização do conhecimento, da tecnologia e da capacidade empreendedora do sector. Enquanto grupo financeiro de matriz cooperativa, com 115 anos de história ao serviço das comunidades, assumimos como responsabilidade estratégica apoiar soluções que gerem impacto económico, ambiental e social. Acreditamos que a inovação é um fator crítico de competitividade e de resiliência, e é por isso que continuaremos a investir em projetos que reforcem a sustentabilidade da cadeia de valor agroalimentar e florestal, em estreita articulação com o ecossistema nacional de ciência e tecnologia”.

Na edição deste ano, foram premiados projetos em quatro categorias. Na área das Novas Tecnologias na Produção Agrícola venceu o projeto Modular-E, um robô autónomo para culturas permanentes. Na categoria Resiliência de Pequenos

Agricultores e Comunidades Rurais foi distinguido o projeto Criatura, que desenvolve produtos alimentares a partir de matérias-primas subvalorizadas da agricultura biológica nacional. Na área da Conservação dos Ecossistemas Florestais venceu o projeto Trovador, um serviço robótico de plantação de árvores, e na categoria Inovação na Cadeia de Valor foi distinguido o projeto CELLBLUE, que aposta no desenvolvimento de produtos inovadores à base de polvo celular.

Foram ainda atribuídas outras distinções, nomeadamente o Prémio Projeto de Elevado Potencial promovido por associado do Crédito Agrícola ao projeto “Café” de Grãos Alternativos, e a Menção Honrosa Inovação em Parceria e Distinção *BfK Awards by ANI* ao projeto NSH – Nano-SoilHealth. ●



1. INTERVENÇÃO DO PRESIDENTE DO GRUPO CRÉDITO AGRÍCOLA, SÉRGIO RAPOSO FRADE



2. PREMIADOS DA 12.ª EDIÇÃO DO PRÉMIO EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO CRÉDITO AGRÍCOLA

A informação detalhada sobre os projetos vencedores pode ser consultada em [www.premioinovacao.pt](http://www.premioinovacao.pt).

# Entregue as embalagens vazias

de produtos fitofarmacêuticos, biocidas,  
sementes, fertilizantes, rações e batata  
de semente num ponto de retoma Valorfito.

Faça como a Família Prudêncio®



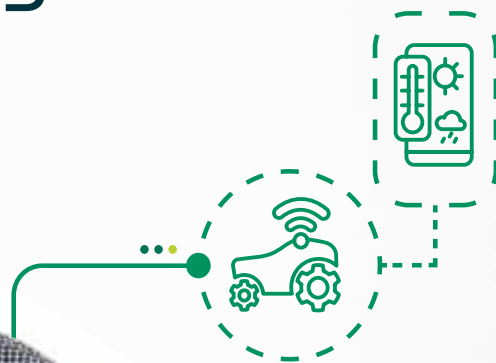
Informe-se em [www.valorfito.com](http://www.valorfito.com)  
ou num Ponto de Retoma Valorfito.

SIGERU, Sistema Integrado de Gestão de Embalagens  
e Resíduos em Agricultura, Lda.

R. General Ferreira Martins, n.º 10 - 6.º A. - 1495-137 Algés  
T. +351 214 107 209 // [contacto.valorfito@sigeru.pt](mailto:contacto.valorfito@sigeru.pt)

# LUZ VERDE

## para novas colheitas



Necessita de adquirir equipamentos, obter liquidez ou modernizar?

**No CA encontra o apoio de sempre.**



Para mais informações:  
[creditoagricola.pt](http://creditoagricola.pt) |    

 **CAVida**  
Seguros para a vida

 **CA**  
Seguros

**OVIBEJA**

Não dispensa a consulta da informação pré-contratual e contratual legalmente exigida

Sujeito à Política de Aceitação de Clientes.

Sujeito a análise de risco de crédito.

Crédito Agrícola Seguros - Companhia de Seguros de Ramos Reais, S.A., registada na ASF com o n.º 1122

Crédito Agrícola Vida - Companhia de Seguros S.A., registada na ASF com o n.º 1148

Caixa Central - Caixa Central de Crédito Agrícola Mútuo, C.R.L. registada junto do BdP sob o n.º 9000